



UNISUL
UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
JOSIANE FERREIRA DA SILVA

**“[...] *EU SOU OUTRA PESSOA* [...]”: A RE-SIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE EM
HOMENS E MULHERES APÓS A SEPARAÇÃO CONJUGAL**

PALHOÇA (SC)
2008

JOSIANE FERREIRA DA SILVA

**“[...] *EU SOU OUTRA PESSOA* [...]”: A RE-SIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE EM
HOMENS E MULHERES APÓS A SEPARAÇÃO CONJUGAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Psicologia da Universidade do Sul de
Santa Catarina como requisito parcial à obtenção
do título de Psicóloga.

Orientadora: Prof. Deise Maria do Nascimento,
Msc.

PALHOÇA

2008

Um carinho exclusivo ao meu pai e a minha mãe, pelo apoio que sempre me deram, e em especial a minha mãe que sofreu e sorriu junto comigo durante a concretização deste trabalho.

Ao meu noivo, que a partir do momento que começou a fazer parte de minha vida, me tornei uma pessoa mais feliz.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

A Deus, que através da força do teu espírito, fez eu superar as dificuldades encontradas no caminho. E consegui mais uma conquista ao concluir este trabalho, acrescentando, assim, ainda mais a minha paixão por viver.

Para que a concretização deste estudo se efetivasse: agradeço às inúmeras pessoas que foram incentivadoras neste processo e seus ensinamentos serão a partir de agora essenciais em minha caminhada pessoal e profissional. Então, por estes extraordinários exemplos, expresso meus reais agradecimentos.

Ao Prof. Paulo Sandrini, que com sua capacidade e empenho de coordenar o Curso de Psicologia, sempre esteve disposto a melhor atender, me proporcionou chegar até aqui.

À Prof. Deise Nascimento, pela sua delicadeza, paciência e inteligência, que soube orientar e valorizar esta pesquisa.

Aos professores mestres e doutores que a mim repassaram seus conhecimentos, fazendo que meu desenvolvimento fosse o melhor possível.

Aos voluntários que foram fundamentais para a realização desta pesquisa.

Aos meus colegas de curso e disciplinas que compartilharam comigo seus conhecimentos.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram ou torceram pela concretização desta pesquisa.

[...] não pergunte o que realmente sou; qual o meu verdadeiro eu; o que de essencial existe em mim. Pergunte, como posso redescrever-me, de maneira a viver uma vida melhor ou mais bela. (RORTY, *apud* COSTA, 1994, p. 21).

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como tema central o estudo da identidade dos casais que estão em processo de separação conjugal e tem como objetivo geral a caracterização do processo de re-significação da identidade em homens e mulheres após a separação. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa exploratória, com pesquisa de campo, de natureza qualitativa. A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista semi-estruturada, que de forma acidental foram escolhidos 3 (três) homens e 3 (três) mulheres que estavam com a separação de corpos efetivada, que não formavam um casal entre si, e que utilizaram o serviço de atendimento de mediação familiar no Fórum do município da grande Florianópolis-SC. No referencial teórico foram abordados os seguintes temas: Gênero e Identidade e uma Possibilidade de Re-significação; Casamento e Separação Conjugal. A análise de dados foi realizada através de análise de conteúdo, nos quais os resultados preliminares apontam para a mudança na vida social, tanto para homens quanto para as mulheres. O diferencial relacionado ao gênero foi a constatação que houve uma melhora da auto-estima nas mulheres. Esse resultado foi unânime para todas as entrevistadas. O sofrimento foi um sentimento presente, independente do gênero, ficando assim, evidente algumas justificativas quanto à superação desses sentimentos, por parte dos participantes do sexo masculino. A possibilidade de uma nova conjugalidade foi considerada importante para a retomada da vida, com algumas ponderações, por dois dos participantes, no que se referiu a não conviver sob o mesmo teto. Essa última consideração foi apontada por um participante do sexo masculino e uma do sexo feminino. Com esses dados, se percebeu a existência da re-significação nas identidades de homens e mulheres de acordo com as atitudes expressas.

Palavras Chaves – Identidade. Separação Conjugal. Re-significação. Gênero.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	PROBLEMÁTICA	09
3	OBJETIVOS	11
3.1	OBJETIVO GERAL	11
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
4	JUSTIFICATIVA	12
5	REFERENCIAL TEÓRICO	16
5.1	UMA QUESTÃO DE GÊNERO	16
5.2	IDENTIDADE E UMA POSSIBILIDADE DE RESSIGNIFICAÇÃO	19
5.3	CASAMENTO E SEPARAÇÃO CONJUGAL.....	24
6	MÉTODO	32
6.1	TIPO DE PESQUISA.....	32
6.2	PARTICIPANTES OU FONTES DE INFORMAÇÃO	33
6.3	EQUIPAMENTOS E MATERIAIS.....	33
6.4	SITUAÇÃO DO AMBIENTE	33
6.5	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	34
6.6	PROCEDIMENTOS.....	34
6.6.1	Da seleção dos Participantes ou Fontes de Informação	34
6.6.2	Do Contato com os Participantes	34
6.6.3	Da Coleta e Registro dos Dados	35
6.6.4	Da Organização, Tratamento e Análise de Dados	36
7	ANÁLISE DOS DADOS	38
7.1	IDENTIFICAR E COMPARAR OS SENTIMENTOS DE HOMENS E MULHERES APÓS A SEPARAÇÃO CONJUGAL	38
7.1.1	Sentimentos que Produzem Sofrimentos	38
7.1.2	Sentimentos Contraditórios	40
7.1.3	Sentimentos de Bem-Estar	41

7.2	IDENTIFICAR QUE CATEGORIAS HOMENS E MULHERES ADOTAM PARA ESPECIFICAR UMA POSSÍVEL IDENTIDADE, QUE SE CONSTITUI APÓS O PROCESSO DE SEPARAÇÃO CONJUGAL	42
7.2.1	Nada Mudou	42
7.2.2	Mudança no Lazer	44
7.2.3	Liberdade e Autonomia	45
7.2.4	Retomando a Auto-estima (Cuidado de Si)	47
7.3	INVESTIGAR AS PERSPECTIVAS QUANTO UMA POSSÍVEL CONJUGALIDADE DE HOMENS E MULHERES APÓS O PROCESSO DE SEPARAÇÃO CONJUGAL.....	49
7.3.1	Retomada da Vida	49
7.3.2	Manutenção da Liberdade	50
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
	REFERÊNCIAS	55
	Apêndice A – Questionário	57
	Apêndice B – Carta Convite	59
	Apêndice C – Termo de Consentimento	61
	Apêndice D – Categorização	62

1 INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho é: A Re-significação da Identidade em Homens e Mulheres após a Separação Conjugal. A palavra re-significação é abordada nessa pesquisa com um sentido de reorganização interna e externa, a partir da experiência de separação.

O gênero foi desenvolvido nesta pesquisa, com o intuito de verificar as diferenças das pessoas que sofrem a separação conjugal e como se re-significam a partir dessa experiência.

Os conceitos que foram desenvolvidos nesta pesquisa dizem respeito à identidade, separação, ao gênero, ao casamento e à possibilidade de as pessoas que sofrem a separação conjugal se re-significarem a partir dessa experiência.

O tempo que os participantes se encontram separados se constitui em importante variável com o intuito de averiguar se há uma variação significativa quanto à percepção de mudança ao longo do tempo.

Buscou-se, também, identificar sentimentos existentes após a separação conjugal. E nas análises, foi verificado como homens e mulheres se reconhecem e se vêem após a separação, bem como as expectativas que possuem em relação a uma nova conjugalidade.

No desenvolvimento teórico, serão abordadas temas como: Gênero, Identidade e a possibilidade de Re-significação, Casamento e Separação, a fim, de ponderar as narrativas encontradas nas entrevistas.

Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa. A coleta de dados foi realizada através de entrevista semi-estruturada que foram realizadas em usuários do serviço de mediação no Fórum do município da grande Florianópolis - SC.

2 PROBLEMÁTICA

Há um aumento significativo de separações conjugais na população em geral, essa afirmativa é feita por Carneiro (2003) em pesquisa sobre o processo de separação. Na respectiva pesquisa, é constatado que na dissolução da conjugalidade não houve diferenças relevantes entre os grupos etários. No entanto, a autora destaca que houve diferenças relevantes entre as vivências masculinas e as femininas em relação aos diferentes sentimentos: desejo de separação; decisão de separação; processo de separação e a construção de uma nova identidade.

A relevância do gênero possibilita verificar que sentimentos e atitudes em homens e mulheres divergem e exercem um significado importante para o processo de separação conjugal, bem como influenciam nas diferentes formas de re-significar a identidade, ou seja, homens constroem sua nova identidade a partir de sentimentos vivenciados, que conforme a autora são diferentes dos vivenciados pelas mulheres. Assim, as diferenças em relação à separação são mais “pautadas”, nas diferenças de gênero do que nas de faixa etária. (CARNEIRO, 2003)

Em pesquisa realizada por Trevisan (2007), foram identificadas as representações sociais da separação conjugal em homens e mulheres na meia-idade, com o objetivo de comparar as respostas com relação ao gênero dos entrevistados; descrever os motivos que levaram à separação; identificar os sentimentos mais presentes em relação à separação conjugal; e investigar as perspectivas de futuro dos entrevistados.

A pesquisa citada verificou, ainda, que os entrevistados acreditam que a sociedade não entende por qual motivo as pessoas resolvem se separar depois de tanto tempo casadas e, ainda mais, na idade em que se encontram, ou seja, a sociedade percebe a separação na meia-idade como algo negativo, pejorativo.

Todos os participantes do sexo masculino demonstraram acreditar que a separação conjugal é vivenciada igualmente em todas as idades, quer dizer, para eles tanto faz se separar na meia-idade ou em qualquer outro momento da vida. Este estudo comprovou que mesmo a separação sendo vista como algo cotidiano, não deixa de ser parte de um processo doloroso, implicando, assim em sofrimento psicológico para todos os envolvidos. A mesma pesquisa divulga que as mulheres pontuam alguns motivos considerados relevantes para haver separação conjugal,

são eles: violência psicológica; ausência de carinho; baixa tolerância em relação ao comportamento do parceiro e ausência de relação sexual. Com esse resultado, pôde-se perceber, então, a exigência da mulher quanto ao funcionamento da relação amorosa. Já na fala masculina apareceu a culpabilização da mulher, na qual homens atribuíram, exclusivamente, à mulher a responsabilidade da separação conjugal.

Esse estudo possibilita que haja continuação na exploração de mais dados relacionados aos gêneros, para melhor entender de que maneira a separação conjugal interfere na re-significação da identidade de homens e mulheres após a separação.

Segundo o autor (SILVA T., 2000), é possível relacionar identidade e diferença:

Aquilo que é e aquilo que não é, por exemplo: A afirmação “sou brasileiro” na verdade, é parte de uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade, de diferenças [...] Por trás da afirmação “sou brasileiro”, deve-se ler: “não sou argentino”, “não sou chinês” [...].

Percebe-se através da concepção do autor (SILVA T., 2000), a compreensão que ele faz entre identidade e diferença, ora se “sou brasileiro”, logo “não sou argentino”. Então, cabe, assim, fazer uma relação de interdependência com a idéia do autor, ora se “sou casado” “não sou separado”, onde se pode, então, diante desse panorama teórico, tornar relevante e refletir sobre o processo de transformação da identidade de sujeitos em separação conjugal. Analisando o fenômeno da re-significação da identidade após esse processo, cabe assim a seguinte problemática: Que categorias homens e mulheres adotam para explicar essa “nova” identidade, após o processo de separação conjugal?

Diante desse questionamento, o presente estudo tem como objetivo responder a problemática citada acima, pois pode ser verificado em estudos pesquisados, como é importante o tema proposto desta pesquisa. Através da análise de dados relacionados aos sentimentos e significados que homens e mulheres dão a si próprios após o processo de separação, poder-se-á investigar como homens e mulheres re-significam suas identidades. O resultado desse estudo vai possibilitar, através dos depoimentos averiguados, conhecimento sobre sentimentos e significados que devem ser compreendidos e estudados por pesquisadores com o intuito de colaborar com a comunidade social e científica.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- Investigar o processo de re-significação da identidade em homens e mulheres após separação conjugal.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar e comparar os sentimentos de homens e mulheres após a separação conjugal;
- Identificar, quais categorias os homens e as mulheres adotam para especificar uma possível identidade, que se constitui após o processo de separação conjugal;
- Caracterizar as perspectivas quanto uma possível conjugalidade de homens e mulheres após o processo de separação conjugal.

4 JUSTIFICATIVA

É importante enfatizar que existem inúmeros trabalhos que tratam sobre separação conjugal, e que vem crescendo o número de separações conjugais, como infere Carneiro (*apud* SCHABEL, 2005, p. 2-6) em sua pesquisa: “Relações familiares na separação conjugal: contribuições da mediação”. A pesquisa teve como objetivo apresentar o papel da mediação na renegociação das relações dos pais que se separaram, valorizando e encorajando a cooperação.

Schabel (2005) verifica que o divórcio provoca pesar, mudanças na família e necessidade de novos papéis familiares. Concluiu-se, a partir desses estudos que há uma vasta bibliografia sobre os prejuízos emocionais que podem ser causados por uma crise de separação e que esses estudos têm auxiliado no desenvolvimento e aprimoramento das técnicas e treinamento de mediadores de divórcio, e ressalta, ainda, a relevância dos aspectos psicológicos, como por exemplo: o pesar pela perda, a qual possibilita discussão sobre as possíveis novas identidades, bem como o rompimento dos padrões de intimidade que estão presentes no casamento, possibilitando, assim, uma redefinição dos novos papéis.

A pesquisa de Carneiro (2003) sobre separação tem como objetivo investigar como homens e mulheres das camadas médias da população brasileira vivenciam o processo de rompimento do casamento, buscando reconstruir suas identidades individuais após a separação. Ela realizou essa pesquisa com 16 mulheres e 16 homens das camadas médias da população carioca, com idades entre 25 a 35 anos e 45 a 55 anos, separados legalmente ou não, do primeiro casamento e que ainda não haviam se casado novamente.

Sua pesquisa levou em consideração: o desejo de separação; decisão da separação; processo de separação e a reconstrução da identidade. Levando em consideração esses quesitos, foram observados que os sentimentos e atitudes vivenciados por homens e mulheres divergiram. Ainda, considerando os mesmos quesitos, foi constatada a relevância do gênero como fator diferencial na vivência da separação conjugal. Embora homens e mulheres compartilhem o sentimento da dor, eles manifestaram de formas diferentes seus sentimentos relacionados à separação.

Carneiro (2003), A desconstrução da conjugalidade, após a separação, tem como consequência a construção de uma nova identidade individual. Com isso,

percebe-se a necessidade de investigar como o processo de separação pode auxiliar na busca de respostas quanto ao processo de re-significação da identidade após a separação, possibilitando dessa maneira novas formas de compreender uma possível identidade, que se constitui após esse processo de rompimento.

Em estudos realizados por Cruz (2006), sobre os sentimentos predominantes após o término de um relacionamento amoroso, considerando as diferenças de identidade quanto ao gênero, à iniciativa de término e duração do relacionamento. Afirmam sobre os sentimentos que foram estudados, que estão os negativos, relacionados à infelicidade e ao mal-estar, e os sentimentos positivos ligados ao bem-estar e à melhoria no estado geral das pessoas.

O sofrimento causado pelo término da relação conjugal não está associado ao tempo de duração da mesma. Ele averiguou que existe predominância de atitudes negativas tanto nas mulheres quanto nos homens, porém em intensidades divergentes. Atingindo assim, nível maior de atitudes negativas às mulheres quando comparadas às atitudes dos homens, no entanto ao realizar a comparação das atitudes positivas nas mesmas situações, apresentou resultado semelhante para homens e mulheres. (IDID, 2006)

Dessa forma, os autores constataram a relevância do gênero, bem como possibilidades de significados diferentes para homens e mulheres no que se refere aos sentimentos ligados à separação. Além disso, deve considerar o contexto sociocultural no qual, as pessoas estão inseridas, pois foi ensinado culturalmente ao homem omitir seus sentimentos quanto aos relacionamentos amorosos.

Cruz (2006) considera importante que os fenômenos com relação ao amor e a paixão se tornarem, também, temas científicos e sociais, e não apenas pertencentes aos poetas, uma vez que têm implicado em sofrimento para as pessoas. Considerando que os temas relacionados aos sentimentos como: amor, dor, atração, paixão, separação, fazem parte do cotidiano das pessoas, logo esses temas podem ser considerados como relevantes para estudos científicos e sociais, uma vez que vêm ao encontro do estudo proposto, a fim de verificar como as pessoas, após um processo de separação, dão sentido a si mesmo.

Para Giddens (2005), a identidade social está atrelada às características que são atribuídas a um indivíduo por outras pessoas. O autor a cita como marcador que sinaliza quem essa pessoa é. Essas marcas posicionam essas pessoas com relação aos outros indivíduos que compartilham dos mesmos atributos. Como

exemplo, o autor utiliza de algumas identidades sociais como: o estudante, a mãe, o advogado, o católico, o sem-teto, o asiático, o casado e assim por diante. Ora, se o autor fala da identidade de casado como exemplo de identidade social, pode-se apontar a relevância da identidade de casado e de separado perante a sociedade, e como isso pode contribuir com conhecimentos científicos sobre os comportamentos dessas pessoas; e como elas se vêem e como os outros as percebem nessa identidade de casado, e posteriormente como as percebem na identidade de separado. As pessoas podem ter identidades sociais com mais de um atributo, ou seja, uma pessoa poderia ser simultaneamente: mãe separada, engenheira, brasileira e vereadora. Com isso, conclui-se que múltiplas identidades sociais vão refletir as muitas dimensões das vidas dessas pessoas.

Diante dessa realidade e, frente ao fenômeno da re-significação da identidade em pessoas após a separação, existe uma necessidade de exploração acerca da caracterização dessas pessoas em relação à identidade de não mais como casadas, mas, sim, como separadas, divorciadas ou solteiras. Pode-se perceber que as identidades das pessoas são construídas não só individualmente, mas também coletivamente, e é justamente neste ponto que essa pesquisa pretende contribuir com novos conhecimentos acadêmicos e científicos. Abordando questões, tais como, a concepção que elas têm de si mesmas após o processo de re-significação da identidade. Através desse estudo, produzir possibilidades de intervenções em programas de mediações, bem como dados importantes para a produção de conhecimento em psicologia.

Giddens (2005) percebe mudanças na identidade a partir do mundo moderno que força as pessoas encontrem elas mesmas, pois as referências tradicionais tornaram-se menos essenciais, onde o mundo social possibilita muitas escolhas acerca de quem somos, de como devemos viver e do que devemos fazer. Como características dos seres humanos, possuem a capacidade de, constantemente poderem criar e recriar as identidades. A partir do pensamento do autor quanto à flexibilidade das mudanças comportamentais com relação ao mundo moderno, vem ao encontro o estudo da re-significação da identidade em pessoas após a separação conjugal, pois como o autor diz, os seres humanos possuem capacidade de criar e transformar suas identidades. Com isso, pretende-se, então, conhecer como homens e mulheres após a separação conjugal re-significam sua identidade.

Diante da realidade do mundo atual, no qual o número de separações conjugais cresce demasiadamente e das pesquisas anteriormente citadas sobre esse fenômeno da separação conjugal, encontra-se, então a relevância e necessidade em aprofundar o conhecimento sobre as vivências de homens e mulheres relacionadas ao desejo de separar-se. E, ainda, considerando o mesmo tema, há a necessidade de caracterizar o fenômeno da re-significação da identidade em pessoas separadas. Logo, estudar a re-significação das identidades em homens e mulheres após a separação conjugal, possibilitará a reflexão sobre como as pessoas dão sentido e transformam sua história. É também proposta dessa pesquisa, identificar a relevância de gênero, no processo de re-significação da identidade após a separação, e contribuir acerca da diferença de gênero na esfera pública e privada.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Foi durante o século XIX que o feminismo provocou mudanças e conquistas relevantes no que diz respeito ao trabalho assalariado, à autonomia do indivíduo civil, ao direito à instrução, bem como a presença das mulheres nos movimentos políticos.

Strey (2002), aponta questões de gênero pautadas nos movimentos feministas, que modificaram, então, o cenário de gênero. A autora utiliza de dois termos: sexo e gênero que são conceituados com significados diferentes, onde sexo se diferencia de gênero. Sexo refere-se às características fisiológicas que têm relação com a procriação.

As diferenças sexuais são verificadas em todos os mamíferos, porém os seres humanos são animais auto-reflexivos e criadores de cultura. Isso faz que o sexo para homem não seja um fator isolado que determina o desenvolvimento dos comportamentos, interesses e estilos de vida, assim como, ele não determina o sentimento, a consciência, aspectos emocionais e intelectuais do indivíduo. O sexo, em nossa cultura, faz referência ao gênero, enquanto os fatores socialmente construídos são influenciados pela cultura do local.

Fato esse, que leva Strey (2002) a verificar a necessidade de conhecer tanto o homem como a mulher na sua construção social, a fim de que possa compreender o significado de cada indivíduo dentro de um contexto sócio-histórico-cultural, possibilitando assim, a transformação. Uma vez que é nas interações sociais que acontecem os resultados educativos e ocupacionais, ou seja, a autora coloca a importância do gênero no que diz respeito à escola, família, personalidade, identidade, sociedade, cultura e também aos grupos e ao trabalho.

Strey (2002), cita considerações de autores quanto a hierarquia de gênero, quando considera os papéis tidos como simbolicamente masculinos, onde a ideia de que os homens são naturalmente mais agressivos, e que essa característica está ligada ao cromossomo Y, ou seja, reforçam a hierarquia divisória que homens são de um jeito e mulheres são de outro.

Strey (JACQUES; STREY; BERNARDES, 2002), escreve da posição de gênero no mundo ocidental como um dos fatores mantedores do poder dos homens e aquele, também, possuidor de estratégias de fragmentação que à rivalidade de jovens e idosos, pobres e ricos, negros e brancos, mulheres e homens. Os referidos estudos da autora, diz que os homens diferentemente dos animais são auto-reflexivos, e que sofrem transformações ao longo do tempo. Ao considerar, ainda, o contexto no qual está inserido, o gênero exerce relevância quanto à diferença, pois os papéis masculinos e femininos são influenciados por restrições e aprovações da sociedade. Logo este conceito é importante como referência para desenvolver esta pesquisa.

Carneiro (2003) pôde observar respostas relevantes quanto ao gênero, em sua pesquisa sobre a separação. Na pesquisa estudada são demonstrados que homens e mulheres percebem de formas diferentes os motivos da separação. E por isso fica evidente a questão de gênero.

Giddens (2005) aborda, ainda, a distinção entre sexo e gênero, referindo-se ao sexo as diferenças anatômicas e fisiológicas que definem e diferenciam o corpo masculino do feminino. E quando o autor fala sobre questões de gênero, ele se refere às diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres, e gênero está construído de masculinidade e feminilidade e não é necessariamente um produto direto do sexo biológico de um indivíduo.

Ao valorizar a distinção entre sexo e gênero, Giddens (2005), compreende que as muitas diferenças entre homens e mulheres não são apenas de origem biológica. O autor, se utiliza da socialização do gênero para explicar as origens das diferenças; os papéis de gênero com intermédio dos organismos sociais como a família e a mídia por exemplo. Essa abordagem diferencia sexo biológico e gênero social – uma criança nasce com o primeiro e se desenvolve com o segundo. Pois, em contato com diversos organismos sociais, as crianças acabam por internalizar aos poucos as normas e as expectativas sociais que são percebidas, proporcional ao seu sexo. De acordo com essa teoria, as diferenças de gênero aparecem porque homens e mulheres são socializados em papéis diferentes.

Quando Giddens (2005) ao falar da teoria de socialização de gênero, é verificado como são construídas as forças socialmente aplicadas que recompensam ou restringem o comportamento de meninos e meninas. Como exemplo, o autor cita, que um menino poderia ser aprovado ou reprovado socialmente: (“que menino

valente você é!”), ou (“meninos não brincam de bonecas”). Essas afirmações, segundo o autor, ajudam meninos e meninas aprenderem os papéis sociais mais adequados para eles, caso contrário, se fugir a essa regra, a explicação dada é como inadequada ou irregular. É com esse enfoque funcionalista que as pessoas contribuem para manter a ordem social.

A partir dos estudos mencionados por Giddens, é relevante considerar que o gênero exerce um papel importante no que diz respeito à diferença, pois os papéis masculinos e femininos exercidos socialmente agregam aprovações, restrições e proibições que são aprendidas e perduram ao longo da vida.

O autor (SILVA S., 2000), descreve o modelo de perfeição da anatomia masculina, a qual a regra fálica diferenciava o prevalecer da superioridade masculina em relação à feminina, considerando desse modo a mulher como um sujeito “menos desenvolvido” na escala da perfeição metafísica. Essa diferenciação mostra que foi na transição do século XVIII para o século XIX que ocorreu a mudança no sentido da concepção biológica para a política, econômica e social. E a reprodução das desigualdades surgiu, não mais justificada pela norma natural do sexo, mas fundamentada na diferença de gênero, originada na diferença entre os sexos.

O autor demonstra, que no decorrer da história houve um cenário que contribuiu para a manutenção dessa diferença. Ao verificar mais uma posição que confirma a desigualdade entre os gêneros, que vem ancorada na história, pode ser averiguado ainda que não houve significativas mudanças para a sociedade contemporânea. A mulher apesar de adquirir seu espaço na sociedade, ainda hoje está numa condição de inferioridade, pode-se conferir isso através dos seguintes exemplos: o pequeno número de mulheres no comando de grandes empresas; a própria condição da maternidade que muitas empresas consideram como uma perda de produtividade em mulheres em fase de gestação; a licença maternidade que afasta a mulher por 4 meses do seu ambiente de trabalho; e ainda, a violência doméstica que quase não têm estatísticas a respeito.

Falar sobre violência doméstica cabe dentro desse contexto, já que quando se trata de separação conjugal, é possível se defrontar com essa realidade.

Segundo Soares (1999) dados estatísticos sobre violência doméstica no Brasil ainda são precárias. A autora refere-se à violência doméstica como uma violência invisível, pois ela quase não é divulgada; não há políticas públicas eficazes

que favoreçam atendimentos a essas mulheres. Essa categoria de violência não é um tipo de violência que provoque choques, exceção a alguns fatos excepcionais, uma vez que trata-se de discussões com cunho exclusivo de debates feministas.

Atualmente, as mulheres têm sido encorajadas pela Lei Maria da Penha, recentemente criada, a denunciar em delegacias da mulher, caso venham a ser vítimas de violência doméstica, no entanto, muitas delas ainda omitem esse tipo de crime, mesmo a mídia divulgando os direitos que a referida Lei dá a mulher. No entanto, sabe-se que essa Lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006, apesar de garantir os direitos das mulheres, elas ainda continuam a correr risco de vida, pois vários casos de homicídios acontecem dentro dessa condição e, que não recebem a proteção devida.

Conforme Soares (1999) infere que de maneira geral, as condições das delegacias são precárias, pois, a falta de recursos físicos e recursos humanos capacitados para tal serviço ainda é uma realidade no novo milênio. Existem muitos estigmas utilizados para esse tipo de violência entre eles, o próprio atendimento prestado pelos funcionários da delegacia que inferem à mulher atitudes que “contribuem” para a situação de violência. Como exemplo, inferem uma convivência com a situação de violência sofrida por elas.

A mulher pode ser uma vítima de diversos fatores que fazem parte da violência doméstica, porém cabe a elas a coragem de enfrentar o problema. Atitude, muito difícil, pois leva a tomada de decisões que implicam em uma autonomia financeira muitas vezes, para dar manutenção ao lar. Bem como a coragem de passar pelo preconceito, pela vergonha, sem contar com a difícil decisão de abandonar o parceiro, visto que esse abandono muitas vezes pode lhes custar à vida.

5.2 IDENTIDADE E UMA POSSIBILIDADE DE RESSIGNIFICAÇÃO

O conceito de identidade é uma referência básica para o desenvolvimento desse trabalho bem como para a compreensão no processo de re-significação após a separação conjugal.

Ao sugerir a compreensão de identidade inserida no “circuito da cultura” bem como a relação de identidade e a diferença. Para compreender identidade e diferença, o autor busca examinar as preocupações contemporâneas como as identidades em diferentes níveis. Ou seja, no cenário global há preocupações com as identidades nacionais e étnicas, já num contexto mais local, há a preocupação com a identidade pessoal como, as relações pessoais. (SILVA T., 2000).

O autor, refere-se a uma crise de identidade nas últimas décadas, motivadas pelas transformações mundiais, levando um questionamento sobre as formas como essas identidades são estruturadas e os processos nos quais estão inseridos. Ao apontar o conceito de identificação, (SILVA T., 2000), leva a pensar na necessidade que as pessoas possuem de buscar uma identificação com o outro, explicada pelo autor como uma ausência de uma consciência da diferença ou da separação ou como resultado de supostas semelhanças, tendo como origem esse conceito na psicanálise.

Para (SILVA T., 2000), sugere o seguinte questionamento: existe uma crise de identidade? Giddens (2005) atribui as crises de identidade como características da modernidade, ao desenvolvimento urbano, à industrialização e às alterações das sociedades antigas e isso vem enfraquecendo as regras e convenções herdadas. E é na globalização que Giddens percebe a produção de diferentes resultados em termos de identidade.

A partir da percepção de (SILVA T., 2000), a globalização produz desiguais resultados em termos de identidade, promovendo uma homogeneidade cultural que pode levar a um afastamento da identidade referente à comunidade e a cultura local. Influenciando desse modo as resistências que podem dar força a reafirmação de algumas identidades nacionais e locais e promover o surgimento de novas posições de identidade.

(SILVA T., 2000), compreende que nesse processo de globalização, as identidades podem ser moldadas. Ora, se Silva sustenta esse argumento de que o panorama cultural influencia no comportamento, é possivelmente que as pessoas, são moldadas conforme o que a sociedade preparou. Então, pode ser conferido no decorrer desta pesquisa, como o processo de re-significação acontece com identidades de homens e mulheres após a separação, já que estão inseridos nos valores culturais tais como: casamento e família.

Laclau (1990, *apud* SILVA T., 2000, p. 40), a formação da identidade ocorre também nos níveis local e pessoal. Onde as transformações globais na economia, ou seja, mudanças nos padrões de produção e de consumo e o deslocamento do investimento das indústrias de manufaturados para o setor de serviço provocam uma impressão local. O autor usa o conceito de Ernesto Laclau para explicar o deslocamento, onde as sociedades modernas não têm um princípio ou centro determinado que produza identidades fixas. Laclau infere que não há uma única força influenciadora mais uma pluralidade de forças agindo sobre o sujeito nos centros, onde a liberdade não está em uma única classe. Verificando, essas implicações como positivas, pois esse deslocamento pode produzir novas identidades vindas à tona e permitindo que novos sujeitos possam se expressar.

O autor (SILVA T., 2000), percebe que as pessoas vivem no interior de um grande número de diferentes instituições, ou seja: os grupos de colega, as instituições educacionais, os grupos de trabalho, entre outros. O autor compreende que as pessoas, enquanto participantes dessas instituições, exercem graus diversos de escolha e autonomia nos quais representam diversos papéis em diferentes contextos sociais. O autor cita as diferentes identidades envolvidas em diversas ocasiões, como por exemplo: uma entrevista de emprego, uma reunião de pais na escola, em uma festa, em um jogo de futebol, entre outros contextos. Enfatizando que pode um sujeito ser a mesma pessoa, porém ter atitudes dependentes dos contextos sociais.

(SILVA T., 2000), infere que existe uma diversidade de posições que o sujeito pode ocupar ou não, argumentando que parece difícil separar essas identidades. E que pode haver mudanças nessa identidade ao longo do tempo. A maneira como as pessoas se representam perante a sociedade, como mulheres, homens, pais e pessoas trabalhadoras, tem sofrido mudanças bruscas e essenciais. Passando por experiências de fragmentação nas relações pessoais e do trabalho, vivências, essas, expressas no contexto de transformações sociais e históricas, tais como no mercado de trabalho e nos padrões de emprego. O autor compreende que a etnia e a raça, a sexualidade, a idade, a incapacidade física, a justiça social, as preocupações ecológicas e o gênero criam novos meios de identificação. Em consequência disso, as relações familiares também têm sofrido mudanças, principalmente nas estruturas do emprego, por conta de lares chefiados por pais solteiros e mães solteiras, bem como as altas taxas de divórcio.

A complexidade da vida moderna interfere nas mudanças ocorridas na identidade das pessoas, como o contexto social impõe diferentes papéis para o indivíduo. Entendendo assim que as transformações da identidade variam de acordo com os papéis ora representados, podemos melhor compreender o processo de re-significação da identidade, onde essas identidades não são fixas e sim fluidas e cambiantes. O autor faz uma relação entre identidade e diferença, referindo-se à afirmação “sou brasileiro” como exemplo dessa afirmação porque as afirmações sobre diferença se fazem compreendidas quando relacionamos com a identidade. Sendo a identidade ponto de partida para entender a diferença. Quando o autor se refere a uma visão mais radical, o mesmo diria que a identidade é que procede a diferença, porém salienta a hipótese da diferença não ser somente resultado de um processo, mas compreendida como ato ou processo de diferenciação. Desse modo, o autor compreende a identidade e a diferença como sendo reciprocamente dependentes, e sendo produto do mundo cultural e social. (SILVA T., 2000).

Identificar que a identidade e a diferença indicam as operações de incluir e de excluir: ou seja, dizer “o que somos” significa também dizer o que não somos. Ora se “sou divorciado” quer dizer que não “sou casado” a negação vai além “do que sou” ou “não sou”, uma vez que está embutida de significados, se sou casado, que características que o indivíduo tem nessa condição, que valores possui? Se “sou divorciado”, no entanto é excluir-se da identidade de casado. A re-significação implica novos significados e significados dependem da diferença. (SILVA T., 2000)

Ao reportar-se às identidades, o autor, refere-se a elas como impossibilitadas de escolhas, pois ele as vê como conseqüências de um processo de socialização em que a diversidade de cultura, crenças e a pluralidade de identidades psicológicas, sociais, de gênero e sexuais na contemporaneidade, inviabilizam a hegemonia das identidades. Logo, conclui-se, que elas não são fixas nem imutáveis, contrariamente, são mutáveis e fluidas e que cada vez mais a cultura molda as forma de viver e de se comportar das pessoas. (SILVA T., 2000).

Para Grandesso (2006), o significado é como a construção do complemento do outro, as expressões que são tidas como isoladas, quando compartilhadas com o outro, possibilitam a ação, como se fosse uma ação suplementar. A autora cita como exemplo, a pronúncia da palavra: “xu”, ela não possui sentido de forma isolada, mas quando ocorre a interação com outra pessoa,

onde há uma resposta – “fala amor”, houve, então, um significado pela ação de outra pessoa.

Segundo Pearce & Cronen (1980 *apud* GRANDESSO, 2006) argumenta que no momento que se cria significados, pode, ao mesmo tempo, limitar outro significado. É possível se utilizar dessa concepção, para então inferir, que quando o indivíduo está na condição de separado, limita-se à essa condição, ou mesmo, se exclui dessa condição. A autora refere-se à rede de significados que pode ser reconstruída através da linguagem e das práticas sociais. E, a fim de que haja essa reconstrução tem de existir uma quebra de sentido no qual falte conteúdo, ou seja, algo que surge e não é esperado, não é claro, é desconhecido, provocando, então, o surgimento de um novo sentido, possibilitando, também, a busca de algo familiar no desconhecido. Ora se para criar novos significados é necessário desconstruir, então re-significar uma identidade de casado, passa pela desconstrução dessa identidade, possibilitando uma reconstrução dentro das práticas sociais existentes.

Grandesso (2006), ao falar dos significado considera que os indivíduos são geradores de significados e que eles são construídos nas relações sociais por meio da linguagem. Ou seja, é nos discursos que nascem os significados. Ainda, a autora refere-se a uma reconstrução, não como resgate de algo esquecido, nem mesmo como algo recuperado, mas sim reconstrução, num sentido de mudança de um sentido para o outro, ou em uma re-significação. A autora afirma que nos significados existe uma proposta do novo, do diferente, do único, possibilitando também a manutenção da singularidade do sujeito.

Grandesso (2006), questiona uma visão tradicional de identidade, que a autora prefere chamar de “*self.*” Isso é possível identificar no que refere-se à estabilidade, assim, a autora propõe compreender a identidade como um processo “em aberto”, que não está pronto, sendo construído dentro dos espaços relacionais, com possibilidade de constante desenvolvimento e mudança.

Gonçalves (2006 *apud* GRANDESSO, 2006, p. 227) refere-se à identidade com a possibilidade de reformulações, assim como a continuidade das histórias sobre nós mesmos, como um constante fazer e desfazer, onde as palavras influenciam a forma de olhar e agir. Para a autora, sustentar uma identidade requer um constante desafio porque o sujeito não se apresenta como um projeto pronto e sim como inacabado, pois ele está inserido numa cultura em movimento. Ela

ressalta a importância das diferenças que a cultura impõe, uma vez que seria difícil suportar uma teoria que tentasse dar preferência à singularidade do indivíduo.

Gilligan (1993 *apud* GRANDESSO, 2006, p. 227) refere-se as diferenças de discursos ligados à questão do gênero, os quais se referem aos diferentes valores do que vem a ser uma boa pessoa, para homens e mulheres. As mulheres devem ser definidas pela sua preocupação em manter as relações amorosas; em ter sensibilidade para lidar com as necessidades do outro; serem companheiras e cuidadosas. Enquanto os homens são valorizados por suas realizações individuais, as preocupações com relacionamentos são vistas como fraqueza.

Verifica-se que narrativas diferentes são utilizadas por homens e mulheres, nas quais as identidades são marcadas pelas diferenças impostas pela cultura e pelas significações do gênero. Grandesso (2006) ressalta a influência das diferenças na construção da identidade com a sociedade, surgindo da construção conjunta dos significados.

Referi-se a identidade, remete-se a pensar a construção de algo que não pode ser considerado como acabado, pronto. Ao dialogar com os autores, no que diz respeito à identidade devem considerar que a palavra chave remete-se a um significado em constante movimento, movimento que sofre influência do meio social. Foi verificado nas referências de vários autores que identidade vem carregada da história, e conseqüentemente vem atrelada à mudanças, conforme as transformações sociais.

5.3 CASAMENTO E SEPARAÇÃO CONJUGAL

Segundo Araújo (*apud* CARNEIRO, 1998, p. 1), o amor e o casamento tal qual se conhece hoje, teve início a partir do século XVIII, quando a sensualidade e a sedução passam a fazer parte do casamento. Da antiguidade à idade média eram os pais quem se preocupavam com o casamento dos filhos, uma vez que essa prática era visto como um negócio.

Carneiro (1998), afirma que o casamento dos ocidentais por um longo período sofreu influências da igreja. No entanto, até o século V não existia essa influência. O casamento era um ato privado, que ocorria entre os nobres, tendo

como principais funções: as transferências de herança; a constituição de alianças políticas. Logo, a escolha e a paixão não existiam e o uso dele para ter prazer era inexistente porque a procriação era o objetivo fundamental do casamento, bem como a fidelidade da mulher. E o adultério tinha como conseqüência o abandono ou a morte da mulher.

A igreja instituiu o casamento como sagrado por volta do século XII, e no século XIII se instalou a moral cristã, tornando, então, o casamento como monogâmico e indissolúvel. E foi só a partir da revolução burguesa que ocorre a dessacralização do poder da igreja, em conseqüência da entrada do povo no novo cenário, da ética protestante e do espírito do capitalismo, sendo a partir daquele momento a vida das pessoas regidas pelo novo cenário social, Weber (*apud* ARAÚJO, 2002, p. 2).

Segundo Áries (*apud* ARAÚJO, 2002, p. 3), as transformações do casamento começam a partir da modernidade, onde o novo ideal de casamento é a busca de expectativas em relação ao amor e a felicidade, porém essas expectativas trouxeram idealização e conseqüentes conflitos e decepções por não corresponderem às expectativas esperadas.

A partir do século XVIII, o amor romântico se torna o ideal do casamento, mas a durabilidade do casamento não corresponde, pois ao amor-paixão. E de modo geral o amor não dura, surge com isso o divórcio como resposta do casamento dos casais modernos.

Segundo Carneiro (1998) tem crescido o número de dissoluções conjugais na sociedade contemporânea, e através de informações obtidas pelo IBGE em 1996, com dados correspondentes ao ano de 1994 indicam aproximadamente um divórcio para cada quatro casamentos. A causa do divórcio é devido mais a importância dada ao casamento, uma vez que quando os cônjuges não correspondem à expectativa, essa relação não é mais aceita, e conseqüentemente os envolvidos buscam novas relações.

Como apontado por Carneiro (1998) a separação da conjugalidade leva toda família a remodelar os padrões de relacionamentos atuais, pois há a necessidade de um período de transição a fim de que a família se reorganize. A autora compreende que as conseqüências do divórcio aparecem rapidamente, e aumentam no primeiro ano e vão desaparecendo aos poucos nos anos seguintes; enfatizando que em alguns estudos foram verificados que o desequilíbrio do sistema

familiar tende a iniciar um ano antes do divórcio, sendo dois anos para a maioria dos casais, e até no máximo seis anos para todas as famílias voltarem a restabelecer uma função satisfatória para seus membros.

Carneiro (2003) acredita que no processo de separação, a identidade conjugal vai aos poucos se desconstruindo, levando os cônjuges a uma re-significação de suas identidades individuais. E que desconstruir a conjugalidade após a separação, desencadeia o movimento de re-significar a identidade individual. Sendo esse processo demorado e vivenciado de forma difícil pelos ex-cônjuges. A vivência com mais liberdade acaba por trazer sofrimento e solidão, e momentos difíceis para os homens e as mulheres. As mulheres mais estimuladas a expressar sentimentos e conversar sobre relacionamentos parecem ter mais facilidade em descrever o gratificante, mas também penoso processo de reconstruir a identidade individual.

Schabbel (2005), considera que o indivíduo formaliza uma situação de discórdia entre o casal, levando uma liberação do clima de disputa e nascem novas estruturas domésticas de convivência entre pais e filhos. A autora percebe nos filhos angústias e incertezas que ameaçam a estabilidade pessoal, causando mudança na dinâmica familiar. A mesma autora enfatiza os sentimentos vivenciados pelos filhos de pais separados. Essas crianças enfrentam o medo e as conseqüências negativas de um lar desfeito, como por exemplo: a guarda e as visitas semanais ou até mesmo mensais. Há, também, o aprender a lidar com a perda de certos costumes e tradições familiares, bem como os sentimentos de desamor, abandono e rejeição que implica na necessidade de novos costumes.

Para Carneiro, em pesquisa efetuada em 1998, com o título: “Casamento Contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade”. Nesta pesquisa, a autora refere-se à dificuldade dos casais em encerrar as suas individualidades e uma conjugalidade. Ela argumenta que existem dois desejos; duas histórias de vidas; duas percepções de mundo; dois projetos de vida; duas identidades individuais que, na relação a dois, convivem com uma conjugalidade ao qual é composta de desejos conjuntos, histórias de vida conjugal, projeto de vida conjugal e uma identidade conjugal. Carneiro sugere que são dois seres em um? Como ser um sendo dois? Como ser dois sendo um? A autora denomina essa junção como “identidade conjugal”.

Berger e Keller (*apud* CARNEIRO, 1998, p. 2) ao debaterem a importância institucional do casamento, destacam que, desde Durkheim, o casamento serve como proteção contra a maioria dos indivíduos. Tendo como função social estabelecer uma determinada ordem para o indivíduo, permitindo dar sentido à vida. O casamento é visto como um ato dramático, nas quais duas pessoas estranhas, com passados individuais divergentes se encontram e se redefinem. O casal constrói a realidade presente e, reconstrói a realidade passada, fazendo, assim, uma memória comum, que integra os dois passados individuais.

A manutenção do casamento contemporâneo é influenciado, pelos valores individuais, no qual os ideais da contemporaneidade da conjugalidade valorizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que a relação conjugal. A autora diz que formar um casal demanda a criação de uma zona comum de interação de uma identidade conjugal. O casal contemporâneo experimenta nas relações conjugais, ideais individuais ora estimulando à autonomia, ora ao desenvolvimento de cada um pelo outro, onde é dada ênfase a conjugalidade. (CARNEIRO, 1998)

Singly (*apud* CARNEIRO, 1998, p. 4), enfatiza as características individuais da família e do casal contemporâneo, prevalecendo à importância dos mesmos e, as relações mantidas entre seus membros. A relação amorosa se mantém enquanto tiver fins importantes para os cônjuges. Enfatizando a sociedade que valoriza o indivíduo, a família torna-se importante no momento em que o auxilia na constituição da independência do indivíduo, ou seja, a família exerce uma função contraditória que ao mesmo tempo fortalece os laços de dependências e esses laços são negados.

Anton (2000), compreende o casamento como o desejo de companhia, de aconchego, bem como a necessidade primeira, que o homem tem de viver em grupos. Percebendo, a busca de um parceiro como uma referência organizadora porque as experiências de individualidade e de solidão são de grande valor emocional para algumas pessoas, para outras são extremamente negativas, uma vez que são seguidas de sentimentos de exclusão, abandono e menos-valia. O estar acompanhado não significa para alguns indivíduos estar cercado de pessoas, pois na intimidade não têm quem os ouça. A autora refere-se ao outro como referência imprescindível para a conservação da percepção lógica e organizadora de si mesmo, produzindo a descoberta e o desenvolvimento da individualidade.

O medo da intimidade implica na dificuldade das pessoas em harmonizarem os desejos diferentes, que são: o desejo da liberdade como comprometimento e o da individualidade como vínculo. As pessoas preferem, então, romper o vínculo, deslocando suas energias afetivas para grupos e tarefas do que para alguém especial. (ANTON, 2000)

Anton (2000), refere-se às literaturas estudadas sobre divórcio que revelam diferentes modelos de pensamentos e atitudes. Esses, de acordo com cada cultura vêm sofrendo variações ao longo do tempo e sob fortes influências dos meios de comunicação. A autora aponta à influência de estímulos provenientes de crenças conscientes e inconscientes, de significado e de valores atribuídos às experiências vividas que estão estreitamente ligadas ao sistema em que os indivíduos se desenvolvem.

Segundo Seibt, in Hharway (*apud* ANTON, 2000, p. 273), muitas pessoas casam com a expectativa de que a vida irá ficar melhor e mais feliz, porém quando essas expectativas não são correspondidas, o divórcio surge como uma alternativa mais certa. Muitos vivenciam o fim da conjugalidade com pesar, enquanto que para outros, essa decisão pode vir como alívio. No entanto, o impacto emocional é maior quando um dos cônjuges quer o divórcio e o outro não.

Anton (2000) compreende que casamentos desfeitos nem sempre resultam em alianças quebradas, pois alguns casais jamais quebram seus elos, e isso gera dificuldades para seguir suas vidas com autonomia. Pode-se perceber a partir da compreensão da autora como é difícil o processo de dissolução da conjugalidade, sendo esse um dos fenômenos a ser investigado nessa pesquisa.

Em pesquisas americanas citada por Grunspun (2000), a iniciativa do divórcio se dá duas vezes mais em mulheres do que em homens. O autor diz, também, que as mulheres passam por menos estresse do que os homens. Já a iniciativa por novos casamentos se dá também em maior parte pelos homens, os quais se separam em maior número nesses novos casamentos do que as mulheres. O autor ainda considera que os homens enfrentam os problemas emocionais da separação sem ajuda de profissionais, contrariamente as mulheres, que mesmo com menos problemas emocionais que os homens procuram em maior número a ajuda de profissionais frente aos problemas emocionais vivenciados.

Grunspun (2000), a partir da observação de números significativos de separações, percebeu que muitos indivíduos sofrem traumas devido a essas

rupturas. Pois, há sentimentos próprios de quem toma iniciativa da separação, bem como de quem não toma essa iniciativa. Muitas vezes vem acometido de medo, alívio, impaciência, ressentimentos, dúvidas e culpas. Ora uma relação por mais que não haja mais amor, acaba por ser um processo que demanda um empenho emocional para resolver as situações que permeiam a desunião.

Grunspun (2000) propõe fases no processo de desunião. A primeira fase pode ocorrer de 1 até 2 anos antes mesmo de ser verbalizado. Essa fase é constituída de sentimentos vagos de descontentamento, distanciamento, ressentimentos e desconfiança. Muitas vezes os problemas fazem parte de uma realidade que não é vista. E também, surgem sentimentos, como: medo, insegurança, culpa, amor, ódio, ansiedade, depressão alternada e um referido luto pelas perdas que ainda não aconteceram.

Na segunda fase, existe uma manifestação de insatisfações, o autor (GRUNSPUN, 2000) diz que é um período que ocorre de 8 até 12 meses. Nessa fase ocorrem muitas queixas, cobranças com seguidos pedidos de desculpas; possibilidade de uma reconquista; busca de terapias. Sentimentos de tensão, angústia, alívio e dúvidas, também, fazem parte dessa fase.

Na terceira fase, geralmente é realizada a opção pelo divórcio. Esta fase compreende de 6 a 12 meses antes da oficialização. Nesse período, ocorre um afastamento, uma distância emocional. Em função desse afastamento existe, geralmente, a retomada a primeira fase.

O pedido legal da separação, o autor (GRUNSPUN, 2000) configura como a quarta fase, tornando-se assim pública a decisão. Logo, existe uma busca de cumplicidade nos familiares e amigos comuns. Os sentimentos dessa fase são de: vergonha, culpa e pânico para chamar a atenção dos mais próximos.

Na quinta fase e última, que o autor (GRUNSPUN, 2000) chama de aceitação crescente, que muitas vezes varia do tempo em que ocorre essa aceitação, podendo ser no decorrer do processo ou após a separação. Começam neste momento a aparecer os ajustes físicos e emocionais. Existe neste momento a percepção de que era melhor acabar, pois já não mais existe felicidade. E é ao findo desta fase que o casal começa a recuperar assim gradativamente o controle, com possibilidade de planos para o futuro, com uma nova identidade, descobrindo novos recursos de enfrentamento.

Cervený (2005), também apresenta uma compreensão sobre o processo relacional que escreve sobre o término do casamento, refere-se a fase aguda que seria composta por momentos de insatisfações de um ou de ambos os parceiros. Verifica-se nessa fase aguda, alternância de medo, culpa, raiva. Medo da solidão, culpa pela decisão, raiva pelo parceiro não conseguir fazer o outro feliz. Então, nesse momento, percebe-se um pré-aviso de que há uma insatisfação, provocando uma instabilidade na vida conjugal. Apresenta-se, nessa fase, dificuldades financeiras, emocionais e desorganização social.

A fase transitória segundo a autora Cervený (2005), seria a próxima fase, que se dá no momento em que ocorre a separação. Neste momento específico, o sentimento de raiva é cedido pelo sentimento de perda, seguido de um sentimento de tristeza profunda que pode levar a depressão. Os sentimentos são diferentes, quem pede a separação é acometido por um sentimento de abandono da família, conseqüentemente, gerando uma culpa em si mesmo. Já aquele cônjuge que não quer a separação, é acometido por um sentimento de abandono e rejeição, sentimentos esses que também podem levar a um quadro de depressão.

Quando o casal tem filhos, essa é uma fase em que eles sentem-se perdidos, pensando na possibilidade de reconciliação dos pais. Este momento provoca nas crianças insegurança e incertezas quanto ao destino de suas vidas.

A fase final seria a que a autora Cervený (2005), chama de fase do ajuste, pois nesse momento específico aos poucos os sentimentos de aceitação vão surgindo no casal, uma vez que se verifica a inviabilidade de um retorno à relação. Os envolvidos percebem que não há mais um cônjuge, mas sim um ex-cônjuge. Então, ele nessa fase, consegue ver uma possibilidade de um novo começo. Assim como a possibilidade de uma nova conjugalidade.

Como verificamos, os autores falam desse processo como sendo longo e cheio de emoções. É importante ressaltar que essas fases ajudam a compreender o quanto é difícil e complicado um processo de separação. Ao verificar a fala das autoras sobre esse processo, conclui-se a importância da ênfase nestes estudos.

Os mesmos autores inferem que não se trata de percurso linear, mais sim cheio de pré-condições para que ocorram numa linearidade ou não. Então, é imprescindível não tomar essas fases como absolutas, pois as diferenças entre as pessoas impossibilitam a idéia de um processo idêntico para todos. Cervený (2005) traz uma consideração importante sobre isso, ela ressalta a necessidade de

conviver, aprender e apreciar as diferenças, pois cada um possui suas particularidades, e cada qual inserida em contexto social, podendo ver o divórcio como uma transformação.

Nas diferenças de comportamentos entre os homens e as mulheres frente às pesquisas já efetuadas, fica visível a influência do gênero, onde homens e mulheres, em situações envoltas de sentimentos, refletem suas ações de forma bem diferenciada. Ora, novamente frente à problemática dessa pesquisa: Como homens e mulheres re-significam suas identidades após a separação conjugal? Ou seja, há uma diferença, no enfrentamento dessa nova situação de vida? De que forma o gênero influencia nas decisões e atitudes desses sujeitos, sugerindo uma possibilidade de re-significar suas identidades?

6 MÉTODO

Os objetivos dessa pesquisa foram atendidos, utilizando-se de um conjunto de procedimentos abaixo descritos.

6.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa é de caráter exploratório e teve como objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41). Segundo Gil (2002, p. 41) este tipo de pesquisa tem como finalidade o “aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos ao fato estudado”, ou seja, no caso deste projeto, caracterizar o processo de re-significação da identidade em homens e mulheres após a separação conjugal.

A análise qualitativa foi a escolha por investigar uma realidade que não pode ser quantificada. Esse tipo de análise trabalha com o universo de significados, valores, crenças e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos aos quais não podem ser reduzidos à operacionalização variáveis. MINAYO (2001).

Em relação ao delineamento da pesquisa, ela foi classificada como estudo de campo. Neste sentido, Gil (2002, p. 129) relata que “não há como definir *a priori* as etapas a serem seguidas em todas as pesquisas dessa natureza. Isso porque, a especificidade de cada estudo, acaba por ditar seus próprios levantamentos”. Gil (2002) afirma que esse de delineamento é muito mais amplo do que os levantamentos. Para o autor, o estudo de campo “inicia-se com um plano bem geral, visto que este tipo de delineamento, leva em consideração, principalmente, os objetivos da pesquisa”. A seleção dos informantes e as estratégias para a coleta de dados costumam ser definidas somente após exploração preliminar da situação (GIL, 2002, p. 129).

6.2 PARTICIPANTES OU FONTES DE INFORMAÇÃO

Os sujeitos que participaram dessa pesquisa foram pessoas que utilizaram o serviço de mediação familiar no Fórum de São José, em 2008. Os participantes foram 3 (três) homens e 3 (três) mulheres que atendiam ao critério de estarem com separação de corpos efetivada.

6.3 EQUIPAMENTOS E MATERIAIS

Foram utilizados para esta pesquisa, materiais, como: caneta, papel, computador, impressora, gravador e pilhas.

6.4 SITUAÇÃO DO AMBIENTE

Para a aplicação da entrevista, foi necessário um ambiente livre de ruídos, sem a interferência de outrem, previamente combinado com os entrevistados. Para isso, foi utilizado um espaço reservado do sétimo andar, do Fórum de São José onde fica localizado o serviço de mediação, nos períodos em que não havia atendimentos, para não comprometer os resultados da pesquisa, bem como para garantir o sigilo com relação às pessoas. Essa condição é importante para cumprir os requisitos dos princípios éticos.

6.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Foi utilizado para a coleta dos dados o instrumento da entrevista semi-estruturada como instrumento para a coleta dos dados. De acordo com D'Oliveira, Lima e Luna (1996).

a entrevista guiada permite ao entrevistador utilizar um 'guia' de temas a ser explorado durante o transcurso da entrevista [...] o pesquisador conhece previamente os aspectos que deseja pesquisar e, com base neles, formula alguns pontos a tratar na entrevista. O entrevistado tem a liberdade de expressar-se como ele quiser guiado pelo entrevistador.

Os dados coletados, foram gravados e transcritos, com a autorização dos entrevistados.

6.6 PROCEDIMENTOS

6.6.1 Da seleção dos Participantes ou Fontes de Informação

A pesquisa foi realizada com homens e mulheres que atenderam ao critério de estarem com separação de corpos efetivada e que procuraram o serviço de mediação familiar do Fórum da grande Florianópolis - SC. O tempo de separação dos envolvidos variou entre 2 meses e 10 anos. Os participantes foram 3 (três) homens e 3 (três) mulheres que não eram um casal entre si. O número de participantes foram estabelecidos de forma intensional pela pesquisadora.

6.6.2 Do Contato com os Participantes

Tabela 01 – Tabela de Informações

	F1	F2	F3	M1	M2	M3
SEXO	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Masculino	Masculino
IDADE	34	48	39	30	45	30
ESCOLARIDADE	2º grau	1º grau	1º grau	2º grau	1º grau	2º grau

	F1	F2	F3	M1	M2	M3
OCUPAÇÃO	Tec.Eletron	Cozinheira	Do lar	Garçom	Aposentado	Segurança
TEMPO DE CASADOS	15 anos	29 anos	9 anos	10 anos	20 anos	6 anos
TEMPO DE SEPARADOS	2 meses	3 anos	10 anos	2 anos	5 anos	2 anos
QUEM DESEJOU SEPARAR	Homem	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem
JÁ TEM OUTRO PARCEIRO	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: Elaboração da Acadêmica

Como informado no quadro acima, foram entrevistados 3 (três) homens e 3 (três) mulheres, que não eram um casal entre si.

Esses participantes foram convidados a participar da pesquisa por meio de contato prévio para os agendamentos da entrevista. Primeiramente, foi solicitada uma autorização do poder judiciário, para um contato com os participantes, que se utilizavam do serviço de mediação familiar e, a partir disso, os usuários foram convidados a contribuir com a pesquisa, através de entrevistas, as quais tiveram duração entre 20 e 60 minutos.

6.6.3 Da Coleta e Registro dos Dados

Os participantes da pesquisa foram informados que suas identidades seriam mantidas em sigilo e ainda, foi solicitada a assinatura do termo de consentimento, para a gravação das entrevistas. A autorização, por escrito é um dos requisitos éticos para utilizar esse material com a finalidade de estudo. A pesquisadora se apresentou, informando que era estudante de 10ª fase de psicologia da Unisul, apresentou o tema da pesquisa e, em seguida, fez o convite a eles, para participarem desta pesquisa, após o atendimento da mediação. Todos que procuram o serviço de mediação para efetivarem a separação consensual aceitaram o convite.

6.6.4 Da Organização, Tratamento e Análise de Dados

Com a finalização das entrevistas, o conteúdo adquirido foi transcrito. Após a transcrição, os dados foram organizados em categorias para a análise. Gil (2002, p. 134) explica que “a categorização consiste na organização dos dados de forma que o pesquisador consiga tomar decisões e tirar conclusões a partir deles”.

Segundo Heerdt (2005), analisar é sumariar as observações, de modo que se permita responder à problemática. Com o objetivo de interpretação que é a procura do sentido mais amplo para as respostas, fazendo uma relação com os conhecimentos anteriormente verificados.

Minayo (1994, p. 74) acrescenta, que “atualmente se destacam duas funções para a aplicação da técnica”. Uma refere-se à *verificação de hipóteses e/ou questões*, ou seja, para a autora é através da análise de dados que se pode encontrar “respostas para as questões formuladas e também confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses)”. A outra função diz respeito “à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos indo além das aparências do que está sendo comunicado” (MINAYO, 1994, p. 74). A análise proporciona um olhar atento para os dados coletados. Segundo Deslandes, Neto e Gomes (*apud* MINAYO, 1994, p. 69) pode-se apontar três finalidades para a etapa da análise de dados:

- a) 1.º estabelecer compreensão dos dados coletados;
- b) 2.º confirmar os pressupostos da pesquisa;
- c) 3.º responder às questões formuladas, ampliando o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-se ao contexto cultural do qual faz parte. Para a análise dos dados no que refere-se as possíveis mudanças encontradas, para verificar a re-significação das identidades dos participantes, apresentaram-se as categorias por eles utilizadas, após o processo de separação conjugal.

A apresentação das entrevistas seguem esta ordem: A primeira mulher que foi entrevistada foi definida por F1; a segunda, F2; e a terceira, por F3; respectivamente. O mesmo critério foi utilizado com os homens. Uma mulher e dois homens relataram ter concluído o ensino médio. Uma das mulheres tem o ensino

fundamental completo; a outra possui até a segunda série do ensino fundamental; e por último um homem disse ter cursado até a 7ª série do ensino fundamental.

Os dados coletados nas entrevistas foram sintetizados e agrupados em categorias, com o intuito de atender aos objetivos desse trabalho.

7 ANÁLISE DOS DADOS

7.1 IDENTIFICAR E COMPARAR OS SENTIMENTOS DE HOMENS E MULHERES APÓS A SEPARAÇÃO CONJUGAL

7.1.1 Sentimentos que Produzem Sofrimentos

Foi identificado, nas falas dos homens, os sentimentos sofridos após a separação, conforme fala de **M2**: [***“a gente sente um vazio, mas depois a gente vê que ela conseguiu um namorado e começou a se encaminhar tudo”***]. Apesar de não haver uma ocultação dos sentimentos, pois os participantes falam de tristeza e vazio, pode ser verificado, que logo após referir o sentimento de dor, veio acompanhado de uma justificativa, seguido por uma expressão que demonstrava uma “aceitação”. Expressões, como: *“tudo começou a se encaminhar”*; *“ela não me amava mais”*; *“saudades da filha do casamento nada”*.

Na fala das participantes do sexo feminino, foi possível identificar sentimentos expressos de modo intenso: ódio, tristeza; porém com um sentido de sofrimento que não expressa uma “aceitação”, como é averiguado na fala de **F1**: [***“ódio dele enorme, hoje esse final de semana, ele vai para uma pousada com ela, e o problema é que ele vai com os nossos padrinhos de casamento, não acho justo [...]”***]

Ao considerar essa diferença de significado no que se refere ao gênero, Giddens (2005) faz uma narrativa quanto aos papéis sociais ensinados para meninos e meninas, ou seja, eles aprendem os papéis mais adequados para cada gênero. Onde falar sobre sentimentos foi um papel ensinado às mulheres, e reprovados para os homens. Podemos deduzir que a aceitação seria, então, uma forma de justificativa que os homens se utilizam para mascarar o quanto podem ser mais fortes que as mulheres. Papel este, aprendido socialmente, no qual os homens foram ensinados, que expressar sentimentos, os remete a uma condição de fraqueza. As origens de identidades masculinas ou femininas devem ser consideradas dentro de um contexto cultural nos quais as pessoas estão inseridas,

uma vez que foi ensinado ao homem esconder seus sentimentos, relacionados principalmente aos relacionamentos amorosos.

Essa idéia é corroborada por (SILVA T., 2000). pois ele considera que as nossas identidades (de gênero e sexual), são vistas como processos conflituosos por não serem possíveis de escolher, já que são frutos dos processos de socialização. É importante, então, reforçar a idéia sobre a expressão dos sentimentos nos homens, a qual está “marcada” pela cultura, onde muitas vezes eles mesmos reconhecem o sofrimento de uma separação, porém, os homens falam do sentimento, e pautam esses sentimentos seguidos de justificativas para se protegerem das críticas recriminadoras. Quando omitem ou justificam a aceitação, estão de alguma forma reforçando a sua masculinidade.

Enquanto isso, as mulheres ao expressarem os sentimentos de sofrimento como já nos explicitado, em fala recorrente para essa comparação no primeiro parágrafo, verifica-se a espontaneidade na fala, nos gestos e expressões confirmadores de emoção. Contrariamente a dos homens, essa condição de expressar os sentimentos é favorecida às mulheres.

Strey (2002), ao falar sobre hierarquia de gênero verifica, que, em considerações de alguns autores, os papéis tidos como simbolicamente masculinos, estão ligados à características específicas ligadas ao cromossomo Y, como a questão “agressividade”. Ou seja, há uma naturalização a respeito da maneira de ser do homem. A autora completa, que papéis masculinos e femininos são influenciados por restrições e aprovações da sociedade. Pode ser observado no cotidiano, que para a mulher são atribuídos comportamentos ligados à fragilidade e, sentimentos que remetem a ser uma provedora, por isso cabendo a ela o cuidado com o outro. Possibilitando assim, para a mulher uma condição confortável no que diz respeito ao expressar os sentimentos, sejam eles positivos ou negativos.

Entretanto, como verificado neste estudo, os três participantes expressaram seus sentimentos tanto quanto às mulheres, porém foi necessário perceber e mostrar essas diferenças que de certa forma estavam implícitas na fala dos homens.

7.1.2 Sentimentos Contraditórios

Na fala de duas participantes, a angústia foi relatada, assim como o medo, podemos identificar uma contradição na fala das participantes **F2** e **F3**. **F2**: ***“aí eu mudei, parecia que eu estava numa prisão e me libertaram, apesar de tudo eu to livre, eu to livre de que? Da presença dele? Não sei, ao mesmo tempo que eu to livre eu to angustiada.”***

Verificou-se como é difícil para a participante esse sentimento de liberdade e de angústia ao mesmo tempo, ou quem sabe até mesmo de uma culpa, por sentir-se livre da presença dele. E ainda nesse processo, pelo qual a participante está passando, há um sentimento de dor, uma dificuldade em definir esse sentimento.

Anton (2000) discursa sobre casamentos desfeitos, que nem sempre resultam em quebra de alianças, pois existem casais que jamais quebram, desfazem os elos, criando então, uma dificuldade, ou como no caso das participantes, uma justificativa para não seguir a vida com autonomia.

Carneiro (1998) em pesquisa sobre o casamento contemporâneo, confirma, também, o que é observado na fala da participante **F2**, que existe a dificuldade de encerrar a conjugalidade. A autora pergunta, então: como ser um sendo dois? Como ser dois sendo um? Referindo-se a dificuldade de quebrar essa “identidade conjugal”.

Já na fala de **F3** é percebida a presença de sentimentos de alegria e medo; a dúvida, também aparece, agora, como uma condição de proteção, de manter-se na relação para não morrer? Sentimentos, esses, que também remetem a uma contradição, porém a mesma justifica essa alegria, sentindo-se “livre” da violência psicológica e física a que era submetida. O medo, ainda, presente pela ameaça de morte que o ex-companheiro lhe fazia, caso o deixasse. Constata-se então, a mulher na condição de fragilidade, de ameaça à vida.

O medo foi percebido através de expressões e gestos, como; choro, levar as mãos ao rosto, bem como significado das palavras dadas por **F3**. Ela traz esse medo atrelado à violência doméstica que estava submetida. Pode-se considerar a baixa auto-estima com base na sua fala como uma decorrência da própria condição da violência. **F3** traz em sua fala: [***“ [...] eu não cortava o cabelo, eu não pintava***

mais o cabelo, eu era totalmente uma velha, e eu era mais nova, hoje eu sou mais velha e gosto mais de viver sabe”.]

Soares (1999), reflete a fala da entrevistada com atitudes atreladas à mulher em condição de violência doméstica. Ou seja, a mulher desenvolve a baixa auto-estima;

A entrevistada relata não haver se separado antes, por medo de algo acontecer à vida dela. Ou seja, ela se submetia a estar casada com medo de pôr sua vida em risco.

7.1.3 Sentimentos de Bem-Estar

Nesta categoria se inserem sentimentos de bem-estar com a separação. Então, para começar a discussão, é importante fazer uma referência a fala da participante **F3**, sendo a única entre as entrevistadas que expressou o sentimento de bem-estar. A partir dessa observação, é possível levantar a seguinte hipótese: a narrativa de bem-estar da participante, se deve ao fato de ela ter tomado a iniciativa em separar-se, motivadas pela violência física e psicológica, relatado por ela mesma.

A unanimidade quanto a categoria bem-estar dos participantes homens, se manteve independente da condição da iniciativa da separação, sendo que dois deles tiveram a iniciativa de pedir a separação, enquanto apenas um, não fez essa opção, mas mesmo assim, relatou o sentimento de bem-estar. Este inclusive, no que diz respeito à relação com uma nova companheira, a qual ajuda a proporcionar-lhe momentos agradáveis vivenciados, os quais não eram vivenciados anteriormente.

Considerando o exposto acima, pode-se concluir, que os homens estão mais dispostos a buscar uma nova relação para se sentirem melhor. Berger e Keller (*apud* CARNEIRO, 1998, p. 2) referem-se sobre a função social do casamento, como uma função de estabelecer uma determinada ordem para o indivíduo, permitindo-lhes um novo sentido à vida. Mostra, também uma maior necessidade de o casamento dar aos homens um “sentido à vida”. Incluir os homens nessa categoria foi um critério utilizado pela sensação de bem-estar que, inclusive, foi percebida no decorrer das entrevistas através de suas expressões corporais, como: risos e

gestos, levantar sobrelha, e relaxamento dos braços seguidos de sorrisos. Comprova essa hipótese a fala de **M1**: [***“Eles falam que eu estou mais feliz, e eu me percebo mais feliz. Até os meus filhos estão mais felizes, eles adoram a minha atual esposa”***]. É relevante informar que na fala de **M2** a iniciativa da separação não foi dele, mas mesmo assim o desenlace conjugal trouxe-lhe a consequência de estar melhor na condição atual, pois sua companheira compartilha com ele as atividades que lhe dão prazer.

A argumentação dos homens que encontraram a felicidade ao lado de outra companheira vem ao encontro do que Anton (2000) percebe sobre o casamento, como desejo de companhia, de aconchego, bem como, a necessidade que as pessoas têm de viver em grupos, percebendo a busca do parceiro como uma referência organizadora. Essa autora descreve, que para algumas pessoas, a experiência da individualidade e da solidão é de grande valor emocional, porém para outras são extremamente negativas, seguidas de sentimentos como: exclusão, abandono e menos-valia. Os dados desta pesquisa, no que se refere aos homens, parecem confirmar a afirmativa de que trouxe ganhos emocionais.

7.2 IDENTIFICAR QUE CATEGORIAS HOMENS E MULHERES ADOTAM PARA ESPECIFICAR UMA POSSÍVEL IDENTIDADE, QUE SE CONSTITUI APÓS O PROCESSO DE SEPARAÇÃO CONJUGAL

7.2.1 Nada Mudou

Nesta categoria, trouxemos a fala de **M3**: [***“Não houve mudança, porque eu já tinha uma vida de solteiro enquanto casado”***]. Porém em outro momento, o referido participante apresenta um dado novo, que é: quando foi questionado se seus amigos, parentes, entre outros, perceberam nele alguma mudança, então, ele consegue ter a compreensão, durante aquele momento da entrevista, que as pessoas de suas relações sociais perceberam sua mudança e utilizaram adjetivos do tipo: brincalhão, despojado, melhorou o humor. A partir da

percepção dos outros, o participante **M3** se percebeu, então, diferente, ou seja, uma melhora satisfatória, expressas pelos colegas e sentidas por ele mesmo.

O participante **M1**, utilizou a expressão: “nada mudou”, mas se utiliza dessa frase quando refere-se a lazer e rotina do trabalho. Então, a partir disso, é possível inferir, que o fato de nada mudar em sua vida aconteceu devido ao enlace com uma nova companheira, fato o qual acabou por manter a rotina de casado, relacionado ao lazer.

No entanto, quando **M1** refere-se à percepção dos outros em relação a ele, após a separação, ele confirma a mudança, no que diz respeito ao estado de felicidade. Inclusive, o participante relata que todos perceberam como ele estava mais feliz, inclusive os filhos. Diferente de **M3**, **M1** já havia percebido a mudança nele mesmo, pois relatou ter notado a sua melhora no humor e a sensação de felicidade, quando as pessoas de suas relações sociais começaram a perceber e lhe falar sobre sua mudança de atitude.

A esse respeito, Grandesso (2006) traz a compreensão da identidade como um processo em aberto, sendo construída dentro dos espaços relacionais, com a possibilidade de constante desenvolvimento e mudança. Ou seja, é nas relações sociais que os dois participantes se deram conta de como estavam diferentes após a separação. A priori não perceberam, a mudança, mas a percepção das pessoas que fazem parte de suas relações sociais foi fundamental para perceberem e aceitarem a re-significação de suas identidades, acontecendo após o período de separação e posterior a uma nova união.

Silva (SILVA S., 2000), sustenta o argumento de que o panorama cultural influencia no comportamento, no qual as identidades podem ser moldadas, e apresenta a necessidade de que as pessoas têm de buscar uma identificação com o outro, onde o autor explica uma ausência da consciência da diferença. Ora, o autor remete à fala dos participantes, que num primeiro momento não se percebem diferentes, inclusive se utilizam de palavras como: rotina, não houve mudança. E é somente a partir do olhar do outro que conseguem perceber a mudança ocorrendo.

7.2.2 Mudança no Lazer

Os participantes homens relatam as mudanças de hábitos quanto aos lugares freqüentados por eles após o enlace. Foi percebido, com exceção do participante **M1**, que afirmou não haver alteração no lazer, pois quando se separou, foi conviver com outra companheira em seguida, ou seja, não houve uma retomada da individualidade, mas sim uma nova conjugalidade.

O participante **M3**, a princípio fala que não houve mudanças, pois relatou ter vivido uma vida de solteiro quando estava casado. No entanto, no decorrer da entrevista, ele percebe, naquele momento, que apesar de possuir uma vida de solteiro, durante o casamento, após a separação houve uma mudança sim, como confirma o relato: **M3** [***“Com certeza, eu me diverti mais, ela é mais quieta e não era muito de festa, e eu mais de bagunça, e as minhas amizades são, mais de festa, de se divertir, eu sempre gostei, então, automaticamente eu passei a sair mais.”***].

A percepção da mudança, de descobrir novas possibilidades, de conhecer o não vivido dentro da conjugalidade anterior, remete à idéia de Giddens (2005). Esse autor percebe as mudanças a partir do mundo moderno e diz que elas acabam por forçar o encontro consigo próprio, então as referências mudam, pois, o mundo social possibilita muitas escolhas acerca de quem somos, de como devemos viver e do que devemos fazer.

Giddens (2005), utiliza da modernidade para falar das possibilidades de mudanças ocorridas constantemente, fala, inclusive, da capacidade de criar e transformar as identidades. Diante da realidade trazida pelas falas dos participantes através das entrevistas, é possível estabelecer um diálogo com o autor no sentido em que o mundo oferece muitas possibilidades de vivências. Isso fica evidente ao analisar os dados, pois após a separação, os participantes dessa pesquisa, começaram a ter acesso à oportunidade que o mundo lhes oferece. A fala de **M2** nos remete a essa descoberta: [***“Eu não sabia nem dançar, eu aprendi a dançar num negócio de idosos, comecei a viver de novo”***]. É como se o referido participante conhecesse outras formas de viver após a separação.

Grandesso (2006) sustenta que a identidade é um processo de construção que está em constantes desafios, pois o sujeito não se apresenta como

um projeto pronto, ele está inserido em uma cultura em movimento. A autora ainda se remete à impossibilidade de uma teoria que tentasse dar preferência à singularidade do indivíduo. Ou seja, mesmo que o indivíduo não quisesse mudar, seria difícil, porque a sociedade mostra constantemente novas possibilidades. O lazer no que diz respeito da diversão foi um fato que fez os participantes perceberem as mudanças ocorridas, inclusive a possibilidade de uma vida nova, que lhes proporciona mais prazer.

Cervený (2005), ao falar das fases do divórcio, observa que uma união tem grandes repercussões nas pessoas e no contexto que as cerca, sendo assim, a autora também enfatiza, que as consequências de uma separação também trazem mudanças. Essas mudanças foram percebidas pelos participantes, estes ao se perceberem insatisfeitos com as relações mantidas por eles, se possibilitam a buscarem no mundo social uma vivência que lhes garantissem uma felicidade, nem que fosse uma felicidade momentânea. No entanto, no estágio ao qual o fim do casamento já havia acontecido, acabou por ajudar os enfrentamentos do processo de separação conjugal vivenciado por eles.

7.2.3 Liberdade e Autonomia

Essa categoria de análise, veio colaborar com um dado muito importante para esta pesquisa, haja vista que foi fala unânime das mulheres e, foi composta por liberdade, seguida de complementos como: libertação, fora da prisão, como dona de si mesma. Como podemos conferir na fala de F3: [***“Hoje moro eu e meus filhos, eu pago aluguel, mas eu sou feliz [...]”***]. Essas expressões evidenciam que as mulheres, apesar de estarem em sofrimento por retomarem um assunto que demanda um desgaste emocional, estavam felizes, pois agora eram felizes, se demonstraram satisfeitas, mesmo tendo depois da separação, uma sobrecarga financeira. É em outro momento da entrevista, que **F2** fala que se sentia como se estivesse sendo vigiada 24 horas por dia. Fato que mais chama à atenção na pesquisa, foi quando os homens falaram sobre as mudanças ocorridas após a separação, eles, a princípio, não conseguiam senti-la, depois a percebem nas relações sociais, como já foi comentado anteriormente. Na categoria de mudanças

de lazer, eles percebem claramente, no entanto, não atrelam mudança à liberdade, como livres de um aprisionamento.

Silva (SILVA T., 2000) percebe que as relações familiares têm sofrido muitas mudanças, no que diz respeito às estruturas de emprego, por conta de lares chefiados por pais solteiros e mães solteiras. Essa nova realidade acaba por contribuir com as altas taxas de divórcio. O autor refere que a complexidade da vida moderna acaba por interferir nas mudanças ocorridas nas identidades das pessoas, bem como, o contexto social ao qual estão inseridas. Entendendo que as transformações da identidade variam de acordo com os papéis representados dependendo em que situação o indivíduo se encontra, pode-se melhor compreender o processo de re-significação da identidade, nas quais essas identidades não são fixas e sim, fluídas. O autor possibilita, também, a discussão desse cenário de mudança que as entrevistadas começam a vivenciar a partir de uma separação. Como o autor mesmo infere, há muitas mudanças ocorrendo no cenário das relações familiares, lares chefiados por mulheres são cada vez mais recorrentes. Inclusive a participante **F3** remete a sensação de liberdade em relação a sua condição financeira. Ela discursa, que no atual cenário, não há mais necessidade de pedir ajuda financeira para ao homem, pois existem muitas possibilidades de emprego, mesmo sendo um subemprego, pois pode trazer a ela mais dignidade. Todas as entrevistadas falam sobre dignidade e autonomia, de ser “dona de si”. Podemos perceber nessas mulheres uma mudança de identidade, identidade de uma mulher livre, composta por uma autonomia, ao qual afirmam que não tem preço.

Giddens (2005) traz a teoria de socialização do gênero, no qual as forças masculinas são construídas socialmente, restringindo o comportamento das meninas, impondo quais os comportamentos adequados e quais os inadequados às meninas. As mulheres viveram e muitas ainda vivem rodeadas por comportamentos machistas. Quando, então, têm a oportunidade mesmo que carregada de sofrimento, de experimentar a liberdade de ir e vir, acabam por valorizar, ao extremo, esse comportamento social que eram vividos pelos seus companheiros, mas não por elas de uma forma tão singular.

Gilligan (1993 *apud* GRANDESSO, 2006, p. 27) refere-se as diferenças de discursos ligados a questão do gênero, ao qual se refere aos diferentes valores do que vem a ser uma boa pessoa tanto para homens quanto para as mulheres. A

pesquisa diz que as mulheres devem ser definidas pela sua preocupação em manter as relações amorosas, em ter sensibilidade em relação às necessidades do outro, serem companheiras e cuidadas. E os homens são valorizados por suas realizações individuais, sendo as preocupações com relacionamento, vistas como fraqueza.

Como foi observado, homens e mulheres são vistos com um enfoque narrativo diferente, a questão do gênero é marcada pelas diferenças impostas pela cultura, ao qual Grandesso (2006) ressalta a influência das diferenças na construção do *self* com a sociedade, surgindo da construção conjunta dos significados.

Existe outro ponto de vista influenciado pela questão do gênero. Esse pode ser constatado quando as mulheres se põem numa condição de liberdade e, acabam por valorizando esse comportamento, cujos homens já o aprenderam, desde a sua maternidade.

7.2.4 Retomando a Auto-estima (Cuidado de Si)

Pode ser atribuído a essa categoria um significado muito especial, por ser ele exclusivamente das mulheres, que a descreveram, com um sentido transformador, como pode ser percebido em suas falas. Em todas as falas houve aspectos significativos, mas a que cabe aqui ressaltar é a de **F3: [“[...] me arrumo mais, gosto mais de mim, e depois que eu me separei, eu me animei, tenho vontade de me arrumar, tenho vontade de sair [...]”].**

Grandesso (2006), ao falar sobre significado, considera que os indivíduos são geradores de significados, e deixa claro que esses significados são produzidos, nas relações sociais, e construídos através da utilização da linguagem. Ou seja, é nos discursos que nascem os significados. Mais uma vez são observadas as relações sociais como um espaço para a mudança. Muito importante o que Grandesso escreve sobre os recursos da linguagem, para representar, dar significado a um fato que está ocorrendo, pois as entrevistadas verificam esses significados nas relações sociais, em expressões como: “[...] as pessoas comentam que estou melhor agora; mais bonita [...]”.

As entrevistadas utilizam de significados para pautarem essa mudança na auto-estima, e é nessa nova relação com o outro que o sujeito percebe-se diferente, no caso das entrevistas como suporte. Foram utilizadas na entrevista palavras produtoras de um significado de retomada da auto-estima, constata-se isso através da linguagem utilizada, tais como; “voltei para academia”, “os amigos falam que eu estou me arrumando mais”, “eu passo batom”, “me arrumo bonita”, “me arrumo mais depois que eu me separei”. Essas palavras remetem a retomada da auto-estima que é percebido por elas, e nas relações com os outros.

Grandesso (2006) refere-se a uma reconstrução, não como resgate de algo esquecido, nem mesmo como algo recuperado, mas sim, reconstrução, num sentido de mudança. Mudança de um sentido para outro, ou de um significado para outro, ou uma re-significação. É o que se tem aqui, na fala dessas mulheres, a reconstrução de uma possibilidade de uma nova identidade. *“Eu sou outra pessoa”*, é importante compartilhar com a autora essa fala, pois a autora e entrevistada compartilham do mesmo discurso quando se referem à mudança não como algo esquecido, como uma retomada, mas sim como outro sentido. Foi observada de modo claro a re-significação de identidade presentes nas falas analisadas. É uma nova identidade surgindo, havendo uma quebra de sentido, possibilitando a busca de algo novo, proporcionado a elas um “cuidado de si” que antes não lhe era possibilitado, pelas condições vividas por elas, ou seja, essas mulheres mudaram a concepção que tinham de si mesmas.

Silva (SILVA T., 2000), traz para discussão uma referência de identidade junto com diferença. O autor discursa sobre isso como sendo um processo que envolve operações de incluir e de excluir: ou seja, dizer “o que somos” significa também dizer o que não somos. Ora se “sou divorciado” logo não “sou casado” a negação na qual o autor utiliza, vai além “do que sou” ou “não sou”, pois está embutida de significados, ora, se sou casado, que características que o indivíduo tem nessa condição, que valores possui? Se “sou divorciado”, no entanto é excluir-se da identidade de casado. A re-significação implica novos significados e para o autor, significados dependem da diferença. Esse posicionamento do autor foi utilizado justamente, para comparar com as falas das entrevistadas. Pois, quando o autor refere-se a necessidade de relacionar identidade e diferença, logo são relacionadas às diferenças trazidas pelas participantes, quando diz que possuir uma identidade de divorciado se exclui a identidade de casado, e quando o mesmo diz

que re-significar implica em novos significados que dependem da diferença. Então, a partir disso, é possível afirmar que as participantes re-significaram suas identidades quando percebem uma diferença na sua auto-estima relacionada a condição de casadas, e outra completamente diferente e melhor quando se referem na condição de divorciadas.

7.3 INVESTIGAR AS PERSPECTIVAS QUANTO A UMA POSSÍVEL CONJUGALIDADE DE HOMENS E MULHERES APÓS O PROCESSO DE SEPARAÇÃO CONJUGAL

7.3.1 Retomada da Vida

Nessa categoria é visto que as pessoas querem seguir em frente, com uma possibilidade de recomeço. Cervený (2005) escreve de uma fase que ela chama de fase do ajuste, não se pode dizer, nem mesmo querer enquadrar essa fase nos participantes dessa entrevista. Mas a autora refere-se a essa fase com uma propriedade de aceitação, ou talvez quando percebem que a decisão tomada não tem mais como ser revertida, então, surge o desejo de um novo começo, sendo possível uma nova união, ou pelo menos uma busca por uma nova união.

Os participantes buscam essa retomada, talvez por que não estejam preparados para uma individualidade que compartilhe o sentimento da solidão.

Grunspun (2000), assim como Cervený (2005), utilizam de fases para explicar a desconstrução do casamento. A fase utilizada para essa categoria é a fase na qual a autora chama de aceitação crescente, que pode ocorrer durante o processo de separação ou após o divórcio. Nessa fase, as pessoas percebem que o casamento não era mais uma união feliz e acabam vendo e sentindo a necessidade de acabar. Por isso, essa fase é vista como uma aceitação crescente, na qual se verifica uma sensação de retomada do controle de si, com novos planos para o futuro. A autora ressalta que na fase de aceitação crescente, existe, também, a descoberta de uma nova identidade.

Ainda, nessa fase, o autor Grunspun (2000), refere-se ao surgimento dos ajustamentos físicos e emocionais, os quais são averiguados através de retomada da vida. Pois, os participantes trazem uma nova conjugalidade, é visto essa possibilidade em suas falas, tais como: querer ser feliz com o novo cônjuge; querer um parceiro melhor que o anterior; sentimento de felicidade quando o parceiro demonstra o amor que sente. O que surpreende é o fato de a participante **F1**, está separada há 2 meses, e já estar encaminhando o processo de separação, buscar um parceiro, com o intuito de evitar a solidão como é verificado em sua fala: **[“É estou de rolo com um menino aí, (risos) nada sério, só pra eu não ficar deprimida dentro de casa”].** E a mesma, em seu relato, deixa claro que quer reconstruir sua vida, com uma pessoa que não use drogas, que trabalhe, e que respeite o seu filho. Verificamos a vontade de reconstrução em **M1**, **M2**, **F1** e **F2** com um relacionamento que lhes proporcione uma união estável, num sentido de uma nova conjugalidade.

Anton (2000) traz como a necessidade de um novo parceiro, como busca de uma referência organizadora. E ainda, as experiências de individualidade e de solidão, para algumas pessoas são extremamente negativas seguidas por sentimentos de exclusão e abandono.

É possível inferir que esses participantes buscam essa nova conjugalidade, por sentirem a solidão como um sentimento difícil de encarar. **M1** saiu da relação por causa de uma terceira pessoa, **M2**, conforme seus relatos, buscou outras relações porque o vazio o incomodava, **F1** está há 2 meses separada e segundo sua fala, está de **[“rolo com outro para não se sentir deprimida dentro de casa”].** **F2** está em uma relação que lhe proporciona segurança, porém a mesma diz que não consegue responder para o novo parceiro que o ama, porque amor mesmo foi com o ex-companheiro.

Então, essas pessoas buscam, como escreve Anton (2000), uma referência organizadora de si mesma, fato que justificam as suas relações até mesmo com um refúgio da solidão.

7.3.2 Manutenção da Liberdade

Nessa categoria, que é manter a liberdade, mesmo buscando novas relações, é verificado em falas como **M3**: [*“Hoje eu não quero, tá bom assim, eu não penso em casar [...] ficar uns quatro anos juntos prá depois quem sabe pensar em casar”*]. **F3** também, refere-se a manutenção da liberdade, ao qual, quer só namorar, mas morar junto não, ela deixa claro que mulher é independente e que não tem mais necessidade de se submeter as ordens de outra pessoa.

Através da entrevista, é possível dizer que todos os participantes querem um novo relacionamento, no entanto, **M3** e **F3** não querem sentir-se aprisionados na relação a dois. Talvez, seja esse um fator que contribui para essa manutenção da liberdade.

Anton (2000), afirma que o medo da intimidade implica na dificuldade de as pessoas saberem harmonizar os desejos, tanto o desejo da liberdade como o da individualidade com o vínculo. Muitas pessoas, segundo a autora, preferem, então, romper o vínculo, deslocando suas energias afetivas para grupos e tarefas do que para alguém especial. A autora, também afirma que para algumas pessoas a experiência da individualidade é extremamente positiva, com grande valor emocional, porém para outras, essa experiência é vivida de uma maneira negativa.

Grunspun (2000) infere que o divórcio pode deixar traumas, quem inicia a ruptura do casamento, pode experimentar sentimentos como: medo, alívio, impaciência, ressentimentos, dúvidas e culpas. Talvez, os participantes desta pesquisa estejam acometidos por esses “traumas” e podem precisar de apoio psicológico ou psiquiátrico e, a partir daí, quem sabe, aceitar o seu novo parceiro. Ou talvez essa nova identidade formada após a separação possibilite um novo significado. Esse novo horizonte foi compreendido pelos participantes como a forma que encontraram de conjugalidade que mantenham a sua liberdade e assim o fazem felizes.

Também, segundo Pearce e cronen (1980, *apud* GRANDESSO, 2006), a partir do momento que se cria significados pode ao mesmo tempo limitar outros. Ora chega-se a conclusão de que ao criar um novo significado de uma identidade de separado aos participantes, eles experimentaram valores, tais como: a liberdade, que foram vividos de forma que lhes proporcionaram prazer. E os referidos participantes, se negam a criar outros significados relacionados à liberdade e conjugalidade possíveis, sobre um mesmo teto.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação oportunizou através dos dados coletados, caracterizar como homens e mulheres re-significam suas identidades após a separação conjugal.

Partindo do pressuposto que as diferenças de gênero podem influenciar nas categorias utilizadas pelas pessoas, para especificar uma possível identidade construída após o processo de separação conjugal, procurou-se demonstrar com base nos objetivos específicos e embasados no referencial teórico, como esses processos acontecem.

Foram comparados os resultados das entrevistas entre os homens e as mulheres e, a partir daí, observou-se os sentimentos presentes após a separação.

Verificou-se que homens e mulheres expressam seus sentimentos: positivos ou negativos, independente do gênero, porém, com uma ressalva quanto à espontaneidade nas justificativas dos mesmos. Foi percebida a facilidade de as mulheres expressarem seus sentimentos. Já, os homens narraram seus sentimentos, pautados em justificativas que os remetiam a uma condição de superioridade, ou seja, mais uma vez a questão cultural, fortalecendo que os homens não foram encorajados a expressarem seus sentimentos. Então, demonstrar emoção, mesmo através da fala, os submete em uma condição de fraqueza.

Como característica da re-significação da identidade, os participantes reforçam em suas narrativas, a possibilidade de mudança, a identidade como um significado em constante construção, corroborando com os estudos utilizados como referências dessa pesquisa.

As falas dos participantes confirmam a relevância das mediações culturais e sociais na vida das pessoas, visto que as transformações se dão no conjunto de relações sociais, e é a partir da percepção do outro que percebem as diferenças em si após o processo de separação.

Quanto ao objetivo, que pretendia identificar as categorias utilizadas pelos homens e mulheres para re-significar suas identidades, verificou-se um cenário composto por questões sociais pautadas em diferenças de gênero. Questão essa última, percebida na maneira de re-significar e foi manifestada de forma a confirmar os estudos pré-liminares informados na justificativa desse trabalho. Confirmando,

assim, que homens e mulheres manifestam seus valores de forma diferentes, esses pautados nas construções sociais marcados pela história e pela cultura.

Ao se referir às diferenças, pode-se dizer que as narrativas das mulheres foram envolvidas por sentimentos de liberdade e autonomia, as quais marcam a condição de aprisionamento expressas por elas quando se encontravam casadas.

Já os homens remetem como mudança na identidade o bem-estar no sentido de melhores relações compostas de mais carinho, mais atenção. Eles colocam essa categoria, relacionada as condições de uma nova relação amorosa. A superioridade dos homens vem acompanhada do individualismo, reforçado nas relações sociais, talvez seja esse o motivo de não mencionarem autonomia e liberdade como condição de mudança de identidade. As crenças dos homens na superioridade masculina independem do estado civil? Esse questionamento poderá ser desenvolvido para dar possibilidade de conhecer melhor, as crenças masculinas, podem, ser foco em outra pesquisa.

Apesar das mulheres terem conquistado muitos direitos, a partir do movimento feminista e, conseguindo assim uma condição de igualdade de direitos, em relação aos homens, ainda é grande a desvantagem da mulher, relacionado ao meio social, e, a própria condição da separação, pela justificativa de uma nova conjugalidade, como menos recriminadora ao homem.

Elas diferentemente deles, quando estão separadas, conseguem perceber a autonomia e a liberdade, como referência de uma nova identidade, as quais elas não possuíam na situação de casadas. E ao experimentarem essas sensações, valorizam-nas de tal modo e não pretendem abrir mão dessa condição.

Através da investigação do objetivo, que averiguou uma possível nova conjugalidade, notou-se que todos manifestaram o desejo de ter um novo parceiro. E através desse quesito, constata-se não haver diferenças significativas de gênero. Diferiu quanto à intenção da conjugalidade por dois participantes, um do sexo masculino e uma do sexo feminino. Ambos priorizaram a manutenção da liberdade como condição para o parceiro, ou seja, inviabilizam a convivência sobre o mesmo teto. Cabe, também, aprofundar, para o desenvolvimento e posterior pesquisa, a verificação dessa dificuldade do vínculo afetivo com a individualidade.

Conclui-se que o tempo de separação, que nessa pesquisa variou de 2 meses a 10 anos, não foram marcos diferenciais. Ou seja, apesar do tempo, a

separação é um processo que remete as pessoas a significados expressivos, quanto à mudança. Mesmo que o tempo de separação seja pequeno ou não, os participantes dessa pesquisa se remeteram e resgataram emoções que não são tão facilmente esquecidas. Sentimentos que foram verificados por olhos envoltos de lágrimas. E quando remetidos à sua história percebem que houve mudanças significativas quanto a sua identidade. Todos os participantes narraram essas mudanças sobre um enfoque positivo, que lhes possibilitaram crescimento pessoal.

Diante do exposto fica evidente que re-significar a identidade propiciou melhora no plano afetivo, bem como melhora na auto-estima das pessoas. Por esse motivo, esta pesquisa mais do que caracterizar a identidade de separados, pretende abrir novas possibilidades para os pesquisadores buscarem estudos sobre a nova conjugalidade, comparando essa nova identidade dentro de outros contextos conjugais, verificando se há uma manutenção ou não da identidade de separado.

Nessa pesquisa, a problemática submetia-se a levantar quais categorias homens e mulheres adotam para explicar essa “nova” identidade após o processo de separação conjugal. Re-significar a identidade para os participantes foram remetidas nesta pesquisa com uma palavra que compunha um cenário homogêneo de suas narrativas: *“Eu sou outra pessoa”*.

REFERÊNCIAS

ANTON, Iara L. Camaratta. **A Escolha do cônjuge**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicol. cienc. prof.** v. 22 n. 2 Brasília, jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 07 Maio 2008.

CARNEIRO, Terezinha Feres. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol.Reflex. Crit.** v. 11 n. 2, Porto Alegre, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 07 Maio 2008.

_____. **Conjugalidade e subjetividades contemporâneas**: o parceiro como instrumento de legitimação do "eu": Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 14 Mar. 2008.

_____. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. **Estud. Psicol. (Natal)**, v. 8, n. 3, Natal, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 14 Mar. 2008.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. (Org.). **Família e ____**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Romeu. A Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa. In: MINAYO, M. C de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GRANDESSO, Marilene A.. **Sobre a reconstrução do significado**: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GRUNSPUN, Haim. **Mediação familiar**: o mediador e a separação de casais com filhos. São Paulo: LTr, 2000.

HEERDT, Mauri L. **Metodologia científica**. Palhoça: UNISULVIRTUAL, 2005.
JACQUES, Maria da Graça Corrêa; STREY, Marlene Neves; BERNARDES, Maria Guazzelli; et all. **Psicologia social contemporânea**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MACHADO, Cristiane Salvan; SILVA, Luciana Mara; BITTENCOURT, Sibeles Meneguel; et all (Org.). **Trabalhos acadêmicos na Unisul**: apresentação gráfica para TCC, monografia, dissertação e tese. 2. ed. rev. e ampl. Tubarão: Unisul, 2008.

MARCONDES, Mariana Valença; TRIERWEILER, Michele; CRUZ, Moraes Roberto. Sentimentos predominantes após o término de um relacionamento amoroso. **Psicol. Cienc. Prof**, v. 26 n. 1, Brasília, mar. 2006. Disponível em: <<http://www.pepsic.com.br>>. Acesso em: 21Jun. 2008.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2000.

NEGREIROS, Creusa; MONTEIRO, Teresa de Góes; CARNEIRO, Terezinha Féres. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estud. Pesqui. Psicol**, v. 2004, n. 1, Rio de Janeiro, jun. 2004. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 07 Maio 2008.

PSICOLOGIA: ciência e profissão. Ano 20, n. 3, 2000. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000400002&lng=es&nrm=is>. Acesso em: 07 Maio 2008.

SCHABBEL, Corina. Relações familiares na separação conjugal: **contribuições da mediação**. **Psicol. Teor. Prat**, v. 7, n. 1, São Paulo, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 14 Mar. 2008.

SILVA, Sergio Gomes. **Psicologia Ciência e profissão**, v. 20, n. 3, p. 8-15, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. São Paulo: Vozes, 2000.

SOARES, Bárbara Musumeci. **Mulheres invisíveis**: violência conjugal e as novas políticas de segurança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

TREVISAN, Ana. **Não é tarde para separar?**: as representações sociais da separação conjugal para homens e mulheres na meia-idade. 64f. 2007. Monografia (Graduação em Psicologia). Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, Campus Grande Florianópolis, Florianópolis.

Apêndice A – Questionário

Questionário

1 Como você se percebe antes e depois da separação?

R: _____

2 Quais são os sentimentos que você considera mais significativo após a separação conjugal?

R: _____

3 Como você se percebe quanto às relações sociais antes e após a separação conjugal, no que diz respeito ao trabalho, lazer, e à família?

R: _____

4 Quais são as perspectivas após a separação, que antes não eram vivenciadas na conjugalidade?

R: _____

5 Como você reconhece as diferenças em si mesmas (os) após a separação?

R: _____

6 Qual é a maior dificuldade que você evidenciaria no processo de transição entre a condição de casado para a condição de separado?

R: _____

7 Você consegue identificar se as pessoas de suas relações sociais conseguem perceber as mudanças comportamentais ocorridas em você?

R: _____

8 Você tem expectativas em relação a um novo parceiro?

() Sim () Não

Quais são elas? _____

Apêndice B – Carta Convite



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PSICOLOGIA
CAMPUS NORTE
CARTA CONVITE

Prezada Senhora,

Juíza Titular da Vara de Família da Comarca de São José

Sou acadêmica da 10ª fase do curso de Psicologia, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Unidade Pedra Branca e estou em fase de conclusão de curso. Neste momento, estou coletando dados para a elaboração do meu projeto de pesquisa intitulado “A (Re) significação da Identidade em Homens e Mulheres, após a Separação Conjugal”, sob orientação da Prof.. M.Sc Deise Maria do Nascimento.

Para atingir meus objetivos, faz-se necessária SUA AUTORIZAÇÃO por escrito, para que eu possa acessar os arquivos do serviço de mediação familiar e pesquisar nos formulários de pessoas que formalizaram acordo de separação judicial ou divórcio no Fórum de São José, entre 2004 e 2007. E após uma triagem, acontecerá um contato com essas pessoas e um convite as interessadas em participar da pesquisa.

Declaro que na presença dos participantes, será solicitada a assinatura no termo de consentimento, ressaltando que todos os dados coletados serão utilizados para a conclusão do trabalho final do curso de graduação e a identificação do participante será mantida em sigilo pelo pesquisador. Após a assinatura do termo de consentimento se fará uma breve apresentação aos participantes do tema

previsto para a pesquisa. Feitas as apresentações será dado início da aplicação do questionário.

Certa de contar com seu apoio agradeço antecipadamente à atenção dispensada e coloco-me a seu dispor para quaisquer esclarecimentos.

Josiane Ferreira da Silva
Pesquisadora
(48) 8409-2387

Apêndice C – Termo de Consentimento



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

CURSO DE PSICOLOGIA

CAMPUS NORTE

TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado (a) sobre todos os procedimentos da pesquisa e que recebi, de forma clara e objetiva, todas as explicações pertinentes ao projeto e que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo as medições dos experimentos / procedimentos de tratamento serão feitas em mim.

Declaro que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso: _____

RG: _____

Local e Data: _____

Assinatura: _____

Apêndice D – Categorização

CATEGORIZAÇÃO

Objetivo 1 - Sentimentos após a separação

Masculino M1	Sentimentos que Produzem Sofrimentos	Tristeza , porque eu gostava muito dela, só por isso, mais não dava mais, ela falava que não me amava, (pausa) daí né
Masculino M2		Agente sente um vazio , mas depois a gente vê que ela conseguiu um namorado, e começou a se encaminhar tudo
Masculino M3		Saudade da minha filha , do casamento nada, às vezes ele fica triste também, perdi a minha filha entre aspas,
Feminino F1		Ódio dele enorme, hoje esse final de semana, ele vai para uma pousada com ela, e o problema é que ele vai com os nossos padrinhos de casamento, não acho justo. Hoje, eu estou com ódio enorme, talvez mais tarde, tranqüilo, mas hoje, estou com raiva dele
Feminino F2		Vazio , até hoje quando eu penso nele, eu me sinto assim (pausa)
Feminino F1		Ontem eu falei com uma amiga, ela me viu para baixo , uma separação não é fácil, né.
Feminino F3	Categoria 2 Sentimentos Contraditórios	Foi a melhor alegria que eu tive , foi o dia que eu me separei sabe, porque ele me ameaçava, então eu tinha medo também , dizia que ia me matar
Feminino F2		- Assim a minha liberdade, ser dona de mim mesma, - Aí eu mudei, parecia que eu estava numa prisão e me libertaram , apesar de tudo, eu tô livre, eu tô livre de quê? Da presença dele? Não sei ao mesmo tempo que eu tô livre, eu tô angustiada.
Feminino F3	Categoria 3 Sentimentos de Bem-Estar	Hoje eu estou bem , eu moro eu e os meus filhos, eu pago aluguel, mas eu estou muito bem.
Masculino M2		Risos... Hoje eu me sinto bem melhor , porque hoje eu trabalho mas eu faço as minhas coisinhas, e ela, a minha atual esposa, gosta das coisas que eu faço também, gosta de artesanato. Porque hoje a mudança é clara, antes a gente lutava para os filhos, porque a gente lutava para os filhos e esquecemos de nós

Masculino M3	<p>Risos... Eles comentam que eu estou mais alegre, porque a minha ex-mulher era muito fechada, e eu um cara que trabalho em clube, então, tenho bastante amizade, e automaticamente quando estava com ela, quase não brincava, aí os amigos diziam cadê aquele cara brincalhão, ela não gostava dos meus amigos, então cada lugar que eu levava ela, ela chegava de cara feia. Então, quando eu me separei, eles sentiram essa mudança, porque quando eu estava com ela, eles perguntavam: cadê aquele cara brincalhão, despojado? E hoje com a minha namorada, é diferente, ela me acompanha, gosta de sair também, ela é divertida que nem eu.</p>
Masculino M1	<p>Eles falam que eu estou mais feliz, risos... e eu me percebo mais feliz. Até os meus filhos estão, mais felizes, eles adoram a minha atual esposa.</p>
Masculino M1	<p>Mais feliz, mudou o carinho que eu tenho dentro de casa, a maneira que ela (atual esposa) me trata. Antes eu chegava em casa, ela (ex-esposa) reclamava de tudo, nunca tava bom para ela, se dava flores, reclamava porque dava flores, se dava chocolate, reclamava porque dava chocolate, mulher é uma caixinha de surpresas, essa que é a verdade</p>

OBJETIVO 2 – IDENTIDADE APÓS A SEPARAÇÃO

Masculino M3	Categoria 1 – Nada Mudou	<p>Não houve mudança, porque eu já tinha uma vida de solteiro enquanto era casado.</p>
Masculino M1		<p>A minha semana é rotineira, eu trabalho de segunda a sexta, continuo fazendo bico Né, vou para a casa da minha mãe, continuo com as mesmas rotinas.</p>
Masculino M2	Categoria 2 – Mudança no Lazer	<p>Eu não sabia nem dançar, eu aprendi a dançar, num negócio de idosos, comecei a viver de novo.</p>
Masculino M3		<p>Com certeza, eu me diverto mais, ela é mais quieta e não era muito de festa, e eu mais de bagunça, e as minhas amizades são mais de festa, de se divertir, eu sempre gostei, então automaticamente eu passei a sair mais.</p>
Feminino F1		<p>_ Estou saindo, estou me divertindo, tudo que eu não fazia antes, nesses 16 anos eu estou fazendo agora, tô saindo pra show</p> <p>- Antes eu casada não ia pra clube, hoje eu vou.</p>
Feminino F2		<p>- Mudou eu quase não saía, eu não sabia o que era dançar, eu não sabia sair assim, conversar com amigos, eu não podia ir na casa de ninguém, agora eu vou. Eu acho que eu aprendi a viver muito</p>

		mais depois que me separei, porque ele não me deixava fazer nada.
F3		Mudou, agora eu tenho uma pessoa que gosta de me levar para dançar , comer alguma coisa (...)
Feminino F3	Categoria 3 - Liberdade e Autonomia	Eu tenho a minha liberdade , eu até aprendi a namorar, conheci tantas pessoas boas, fiz amizade, só o fato de poder sair, conversar já é tão bom NE, liberdade todo mundo gosta da sua liberdade NE.
Feminino F3		Minha liberdade , e me arrependo de não ter separado antes, de ter vivido todos aqueles anos com uma pessoa, (pausa) de não ter minha liberdade antes, de ser uma pessoa dependente
Feminino F2		- Tudo mudou, eu me senti libertada , sabe, de uma prisão e me sinto libertada Né, eu posso sair, eu posso chegar a hora que eu quero
Feminino F2		A minha liberdade, eu sou dona de mim mesma , eu tô com outra pessoa, mas eu sinto que eu ainda tenho a minha liberdade, com o (ex-marido) parecia que ele me vigiava 24 horas por dia, é (risos) ele me vigiava...
Feminino F1	Categoria 4 (Retomando a Auto Estima) Cuidado de Si	- Eu já mudei né, voltei para academia , eu tô fazendo um monte de coisas que eu não fazia antes, tô me levantando a hora que eu quero, - As amigas dizem que eu estou melhor em tudo: estou mais simpática, me arrumo mais para sair,
Feminino F2		Eu passo batom , eu tomo um banho e espero ele (atual esposo), me arrumo bonita , aí ele abre aquele sorriso.
Sujeito F3		- Eu sinto assim que eu me tornei uma pessoa mais definida, me arrumo mais, gosto mais de mim, sabe... e depois que eu me separei , eu me animei, tenho vontade de me arrumar, tenho vontade de sair, - Eu sou outra pessoa, eu não cortava o cabelo, eu não pintava mais o cabelo, eu era totalmente uma velha, e eu era mais nova, hoje eu sou mais velha e gosto mais de viver sabe.

OBJETIVO 3 – PERSPECTIVA DE CONJUGALIDADE

Sujeito M1	Categoria 1 Retomada da Vida	Risos, (pausa) eu achei outra pessoa maravilhosa , e é muito bom estar com ela.
------------	-------------------------------------	--

Sujeito M1	<p>Olha eu quero ser o mais feliz possível com ela, e quero fazer ela muito feliz também.</p>
Sujeito M2	<p>- A minha vida teve uma mudança boa, consegui essa moça.</p> <p>- Para mim foi ótimo, para a minha ex- mulher que não, ela infelizmente não achou ainda um certo.</p>
Sujeito F1	<p>Sim, tenho, tenho, quero um melhor, (risos), quero uma coisa boa né, quero um melhor que ele (risos) tadinho, ele é bom pra mim, é, estou de rolo com um menino aí, (risos) nada sério, só um pra mim não ficar deprimida dentro de casa. Mas o que eu quero de uma pessoa, é que não use drogas, lógico, que saiba respeitar o meu filho dentro de casa, que seja uma pessoa boa.</p>
Sujeito F2	<p>Será que eu encontro a pessoa do meu jeito, eu podia dizer, o que sentia aquela troca sabe, isso é bom, isso é muito bom.</p> <p>Eu posso dizer o que penso e a outra pessoa também, quando ele quer que eu diga que o amo, eu fico paralisada, paralisada porque ele diz: eu nunca amei uma mulher como eu te amo, porque eu não sabia o que dizer, porque eu não tenho uma resposta.</p>
Sujeito M3	<p>Categoria 2 Manutenção da Liberdade</p>
Sujeito F3	<p>Eu tenho uma namorada, ela combina com o meu jeito,ela é do meu estilo, mas eu não me vejo casado. Ela é bem diferente, ela é divertida que nem eu, ela é de festa também, ela brinca também, não é de reclamar. Hoje, eu não quero tá tão bom assim que eu não penso em casar, em ter filho nada, é como eu digo pra ela, vamos tentar adquirir, quem sabe, mas agora não, eu quero primeiro adquirir, hoje não, eu quero primeiro adquirir, ficar uns quatro anos juntos pra depois quem sabe, pensar em casar.</p> <p>Sim, eu tenho uma companhia muito boa, eu já digo assim que eu nem namoro, que eu só fico. Eu tô que nem guri novo. É uma pessoa que gosta de me levar para dançar, comer alguma coisa, gosta dos meus filhos, isso é muito importante. Ele tem 30 anos e a gente se dá bem assim, e é assim. Ele é carinhoso, ele faz chá pra mim. É uma pessoa que Deus colocou no meu caminho, e é um guri novo. A gente está há mais de 3 anos, mas morar juntos, não, hoje chegou uma época que a mulher é muito independente, mulher não precisa mais, tinha uma época que a gente vivia com o marido porque tinha filho, porque era obrigada, hoje a gente tem o</p>

trabalho da gente.
